

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO DE PEDAGOGIA

LUIS JAMES BARROS DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DA/DO
ALUNA/ALUNO LEITORA/LEITOR NO ENSINO FUNDAMENTAL**

IMPERATRIZ

2020

LUIS JAMES BARROS DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DA/DO
ALUNA/ALUNO LEITORA/LEITOR NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho

IMPERATRIZ

2020

Silva, Luis James Barros da

“A importância da biblioteca escolar na formação da/do aluna/aluno leitora/leitor no Ensino Fundamental” / Luis James Barros da Silva – Imperatriz, 2020.

Orientadora: Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho

Monografia (Graduação em Pedagogia) – Curso de Pedagogia, Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia de Imperatriz Maranhão (CCSST) / Universidade Federal do Maranhão (UFMA), 2020.

LUIS JAMES BARROS DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DA/DO
ALUNA/ALUNO LEITORA/LEITOR NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

Herli de Sousa Carvalho (Orientadora)
Doutora em Educação
Universidade Federal do Maranhão

Francisco de Assis Carvalho de Almada (Examinador)
Doutor em Educação
Universidade Federal do Maranhão

Auricélia de Aguiar do Silva (Examinadora)
Especialista em Educação
Universidade Federal do Maranhão

A todas/todos aquelas/aqueles que acreditaram na minha capacidade de superar e terminar esse ciclo.

AGRADECIMENTOS

Quero começar agradecendo primeiramente a minha genitora por toda luta, força, perseverança de criar todos seus filhos, dar tudo o que pode para está onde cada um se encontra e não ter desistido de nenhum, apesar de vários momentos difíceis que passamos. Minha mãe.

Aproveitando o ensejo, venho carinhosamente falar dessa pessoa que considero minha família, que adoro, admiro, vislumbro, invejo e tenho ciúmes de ser o que ele é, sem nenhuma alteração de seu comportamento e personalidade, obrigado por tudo, por não ter desistido desse seu “irmão teimoso”, mas tudo se fez para estarmos hoje escrevendo esse capítulo em minha história. Obrigado por nunca ter virado as costas, mesmo brigando, sempre estive ao meu lado. Agradeço a todas as forças que existem no universo que nos fez encontrarmos e assim estarmos a mais de 12 anos caminhando, cantando e seguindo a canção. Obrigado Carlos por TUDO, não tenho palavras para expressar o quanto sou grato a te.

Ao meu tio Antônio Vilmar “Riba” pela sua ajuda de trazer-me para Imperatriz e proporcionar a estudar e poder realizar meus sonhos. Não posso esquecer a “Tia Linalva”, por me aceitar dentro de sua casa e me educar conforme orientou suas filhas e filho o que alavancou muito a consciência de mundo que tenho hoje.

Meus amigos: Márcio, Gilberto e Magno que durante os últimos oito anos presenciaram minha luta para sair das depressões que circularam meus pensamentos e em especial ao Dimitrius, refugio e conforto quando preciso ouvir opiniões diferentes.

A todas as professoras e professores que tive durante esse percurso e continuarei tendo, são sempre motivos de admiração e orgulho. Em particular a Professora Dra. Herlí por acreditar na minha capacidade e por não desistido da minha pessoa. Pelos seus conselhos, história de vida e experiência, seus cordiais abraços ao qual me sinto confortável e renovado com sua energia.

Saúdo também ao Professor Dr. Almada, com suas belas histórias e momentos de vida. Fico sempre fascinado quando ele conta suas lembranças e causas que vivenciou e vivencia nessa longa caminhada chamada vida. Obrigado por sempre perguntar aos próximos: “cadê o Luis?”. Fico grato por não ter esquecido mim.

As minhas amigas e amigo de faculdade e vida: Andrea, Ana Keyla, Carlandreia, Alexandre e Auricélia, essa ultima em mais relevância, pois sempre estive no meu encalce me cobrando para encerrar esse ciclo, mandando noticias de tudo que está acontecendo nesse universo chamado “Universidade”. Meu muito obrigado!

Aos meus colegas de serviço das escolas “Eliza Nunes” e “Madalena de Canossa” que sempre presenciaram minhas alegrias e aflições em fazer o melhor acontecer nesse “mundo” chamada Escola.

Aos meus parentes principalmente aos meus padrinhos por me aceitar no seu seio como filho e assim continuar próximo do meu grupo sanguíneo familiar. Minha tia “Da Cruz” que me tem como filho e assim me conduz.

Todas as pessoas que contei minhas angústias e aflições e estão tendo a oportunidade de ver-me encerrando essa caminhada que se arrasta por mais de uma década, pois terão a oportunidade de me ver abrindo novos horizontes que será de muitas conquistas, mesmo com as pedras, mas não fará desistir de fazer um futuro brilhante, cheio de realizações.

Obrigado pelos conselhos, palavras de estímulos, suas energias boas e saudáveis. “Mesmo atravessando um mar tenebroso, seus faróis fizeram enxergar a luz e adentrar no mar calmo e chegar à praia, gozando a brisa do vento sobrando meu rosto.”.

Encerro essas gratulações com versos da música “One Moment In Time” eternizada pela bela voz da cantora estadunidense Whitney Houston que embalou por muitos dias para a composição dessa carta de agradecimento. E mais uma vez: Obrigado, a todas e todos!

[...]

lived to be the very best
I want it all, no time for less
I've laid the plans
Now lay the chance here in my hands

Give me

[...]

Eu tenho vivido para ser o melhor
Eu quero tudo, não há tempo para menos
Eu tracei os planos
Agora tenho a chance aqui nas minhas mãos

Conceda-me

One moment in time
When I'm more than I thought I could be
When all of my dreams
Are a heartbeat away
And the answers are all up to me

Give me one moment in time
When I'm racing with destiny
Then in that one moment of time
I will feel, I will feel eternity

You're a winner for a lifetime
If you seize that one moment in time
Make it shine

[...]

Um instante no tempo
Quando eu for mais do que pensei que poderia ser
Quando todos os meus sonhos
Estarem a uma batida de coração de distância
E as respostas couberem todas a mim

Conceda-me um momento no tempo
Quando eu estiver correndo com o destino
Então, naquele instante do tempo
Eu sentirei, vou sentir a eternidade

Você é um vencedor por toda a vida
Se você aproveitar aquele momento no tempo
Faça-o brilhar

[...]

“As flores brotam e morrem...
As estrelas brilham, mas um dia se apagaram...
Tudo morre...
A Terra, o Sol, a Via Láctea e até mesmo todo este universo
Não é exceção!
Comparado a isto,
A vida da humanidade é tão breve e fugidia quanto um piscar de um olho...
Neste curto instante,
Humanos nascem, riem, choram,
Lutam, sofrem
Festejam, lamentam,
Odeiam pessoas e amam outras!
Tudo é transitório...
E em seguida,
Todos caem no sono eterno chamado morte.”

Shaka de Virgem - Cavaleiros dos Zodíacos

RESUMO

Este trabalho monográfico originou-se a partir da minha experiência com a biblioteca escolar que traz como tema “a importância da biblioteca escolar na formação da/do aluna/aluno leitora/leitor no ensino fundamental” buscando compreender o potencial que a biblioteca escolar tem na construção da/do aluna/aluno leitora/leitor no Ensino Fundamental. Dessa forma, objetiva-se verificar a importância da biblioteca escolar na construção do hábito de ler nas/nos alunas/alunos do ensino fundamental; buscando compreender a relação da biblioteca escolar com a leitura e refletir a importância das literaturas infantil e Infanto-juvenil para criar essa praxe. Contam como referenciais teóricos alguns autores da área como: Souza (2009), Rigoletto (2009), Silva (2006), Macêdo (2005), Freire (1989), Fernandes (2013), Failla (2016), Kleiman (1993 e 2000), entre outras e outros. Tendo como pesquisa a revisão bibliográfica de textos sobre o tema abordado que visa contribuir o uso da biblioteca escolar como incentivadora para o hábito da leitura.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Leitura. Formação. Hábito.

ABSTRACT

This monographic work originated from my experience with the school library that brings as its theme “the importance of the school library in the formation of the student/ reader in elementary school” seeking to understand the potential that the school library has over the construction of the student/reader in Elementary School. Thus, the objective is to verify the importance of the school library in building the habit of reading in students of elementary school; seeking to understand the relationship between the school library and reading and reflect the importance of children's literature to create this practice. Count as theoretical references some authors in the area such as: Souza (2009), Rigoletto (2009), Silva (2006), Macêdo (2005), Freire (1989), Fernandes (2013), Failla (2016), Kleiman (1993 and 2000), among others. Having as research the bibliography review of texts on the topic addressed that aims to contribute to the use of the school library as an incentive to the habit of reading.

Keywords: School Library. Reading. Formation. Habit.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. RELATO MEMORIAL	15
1.1 Minha história pessoal e educacional.....	16
2. CONCEITUANDO BIBLIOTECA	37
2.1 Biblioteca escolar.....	38
3. LEITURA	45
3.1 Para que saber ler?	46
3.2 O que ler?	50
4. A IMPORTÂNCIA DO HÁBITO DA LEITURA: LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL	54
5. BIBLIOTECA ESCOLAR E FORMAÇÃO DE LEITORES	62
5.1 A realidade das bibliotecas escolares.....	63
5.2 Sobre condições ideais para uma biblioteca escolar.....	67
5.3 Biblioteca escolar: quem é o profissional?	68
6. REFLEXÕES SOBRE LITERATURA INFANTIL E INFANTO JUVENIL	71
CONCLUSÃO	84
REFERÊNCIAS	87

INTRODUÇÃO

A leitura no contexto escolar, profissional ou de lazer, assume um papel importante no acesso de desenvolvimento das pessoas. Por isso, tanto se tem refletido sobre a forma de incentivar e motivar as pessoas para a leitura, dando atenção especial às crianças e as/os jovens, que ainda não criaram esse hábito tão enriquecedor.

A proximidade com o mundo da escrita, no que lhe concerne, facilita a alfabetização e ajuda em todas as disciplinas, já que o principal suporte para o aprendizado na escola é o livro didático. Ler também é importante porque ajuda a fixar a grafia correta das palavras.

A leitura para crianças e jovens é importante para formar adultas/adultos leitoras/leitores. Portanto, quem lê muito fala sobre qualquer coisa e forma opiniões bem fundamentadas.

Grande parte das escolas trabalha somente com textos literários e didáticos e muitas vezes escolhem esses materiais sem motivação, pois sua escolha não é atendida, porque existe uma relação de interesse entre editora e as secretarias de educação (sistema político).

Convém deixar claro que essa atitude não é de forma generalizada, pelo contrário, existem educadoras/educadores que, realmente, desempenham seu papel de maneira responsável, planejando estratégias e diferentes formas de realizar uma leitura dinâmica e eficiente.

A leitura é a maneira mais antiga e mais eficiente, até hoje, de adquirir conhecimento, e é preciso desconstruir aquela ideia de que ler é um hábito chato e sem graça. Ao contrário do que muitas pessoas acreditam. Ler revistas, sítios web, gibis, livros de romance, entre outras leituras de entretenimento, é tão eficaz quanto ler um livro técnico. A diferença é que ler sobre algo técnico oferece conhecimento sobre aquele determinado assunto, enquanto ler sobre variedades estimula o raciocínio, melhora o vocabulário e amplia a criatividade.

Segundo Ceccantini (2016), é clichê, mas é fato: somente escreve bem quem lê bastante.

Muitas coisas que aprendemos na escola são esquecidas com o tempo, pois não as praticamos. Através da leitura cotidiana, tais conhecimentos se absorveriam de forma a não serem esquecidos depois. As dúvidas que temos ao escrever

poderiam deixar de ser constantes pelo hábito de ler e talvez nem as tivéssemos, pois, a leitura torna nosso conhecimento mais amplo e diversificado.

Toda escola deveria fornecer uma educação de qualidade incentivando a leitura, pois dessa forma a sociedade se tornaria mais informada e crítica.

As crianças e as/os jovens aprendem muito do que sabem acerca do mundo e da vida abertamente em grupos sociais diversificados que envolvem o grupo familiar, o círculo de amizades, e os meios de comunicação social, desde a televisão até a internet. Mas é, sem dúvida, na escola e, frequentemente, através do livro, que aprendem de forma mais aprofundada a sistematizar as informações e os conhecimentos, a pensar, a olhar com espírito crítico a realidade em volta, a problematizar o mundo, a encontrar respostas para os problemas que enfrentam, a respeitar as diferenças étnicas, sociais e pessoais e, muitas vezes, a interiorizar os seus direitos e deveres, como pessoas e como cidadãos/cidadãs.

Na biblioteca, há uma variedade de obras que, certamente, agradará a todos os gostos e estilos de leitura, e é também o espaço adequado para realizar a leitura, uma vez que é organizado e orientado para essa atividade. Para as crianças, jovens e até mesmo adultas/adultos, ter o hábito de frequentar uma biblioteca, além de trazer grande aprendizado, pode ser uma enorme diversão.

Nessa perspectiva é que me interessei por aprofundar uma reflexão sobre a importância da biblioteca escolar na formação da/do aluna/aluno leitora/leitor no Ensino Fundamental. Significa, assim, uma tentativa de aprender um pouco mais, a partir de estudos bibliográficos e reflexões acerca de vivências pessoais, sobre o significado da biblioteca na formação das crianças e jovens como também de leitoras/leitores. Ou seja, essa era a minha grande questão: refletir sobre a contribuição da biblioteca para a formação da/do leitora/leitor.

Acreditando na importância da leitura, vi nesse trabalho uma maneira de conhecer melhor as funções de uma biblioteca, de acordo com a realidade empírica. Ocorreu-me perguntar se as formas como a biblioteca escolar e a literatura são utilizadas, pelas/pelos professoras/professores, para despertar nas crianças e jovens o gosto pela leitura, surtem efeitos. Assim sendo, desejei refletir sobre a forma como oficialmente, as escolas lidam com a questão da biblioteca e o incentivo ao hábito de ler. Qual a contribuição real da biblioteca no sentido de aproximar leitoras/leitores dos livros e das bibliotecas escolares?

Considerando esses questionamentos, a finalidade desta pesquisa é valorizar um espaço tão importante dentro de uma escola que é a biblioteca escolar e, conseqüentemente, contribuir para ressaltar as vantagens de utilizá-la, de maneira mais frequente, os livros de Literatura para que se possa despertar nas crianças e jovens o gosto pela leitura, considerando que o contato com o livro enriquece culturalmente a/o indivíduo/indivíduo e promove a sua autonomia, uma vez que conduz ao melhoramento da competência linguística oral e à aprendizagem do código escrito da língua materna.

Nesse percurso, as minhas caminhadas foram feitas através de leituras de livros e artigos; por meio de conversas, especialmente com minha orientadora; através de escutas e observações nas bibliotecas em que trabalhei como funcionário e também outras formas de interação com esse ambiente. Tentei refletir sobre o tema a partir de um olhar crítico sobre a realidade e o dever da biblioteca no hábito da leitura. Todavia, esse é apenas o meu primeiro passo...

1. RELATO MEMORIAL SOBRE A MINHA EDUCAÇÃO

Sempre gostei desse maravilhoso mundo chamado Escola, depois que adentrei nesse ambiente sendo voluntário, gostaria de entender quais eram os motivos que me faziam ser um profissional de Educação. E mais, o que me fez ser como sou hoje? O desafio de escrever esse memorial me abriu possibilidades reais para que eu planejasse uma viagem ao passado e pudesse reconstruir a minha trajetória de forma a tentar compreender esse amor pela área.

Tive caminhos embaraçosos durante a formação acadêmica, mas alguma coisa em mim me leva a essa área e assim abraço ela fortemente até hoje. Não obstante, compreendi que a base científica e metodológica da Pedagogia e da Educação eram lacunas para mim. Se eu me sentia um profissional da educação o que teria me feito assim?

Ouvindo a Professora Dra. Herli falar sobre memorial, deparei-me com uma abordagem relativamente nova: o método autobiográfico. Vi nessa perspectiva a chance de poder, a partir das minhas experiências, compreender o meu processo formativo e, melhor, fazer com que outras pessoas pudessem reconhecer as suas histórias na minha história.

Eu não planejei passar por tempestades, mas com ajuda de pessoas ao meu redor estou vencendo e sonhando novamente. Quantas pessoas também podem está passando pelos mesmos sentimentos? Decidi escrever sobre a história da minha vida e levantei hipóteses sobre mim mesmo. “Eu instituí provisoriamente uma figura de mim e a submeti a avaliação da minha experiência” (Delory-Momberger, 2006, p. 368). Através da sucessão e da diversidade das minhas experiências, hipnotizadas pela educação, testei e experimentei a validade da minha construção identitária e deparei-me com a possibilidade de reconfigurá-la.

Ao me apresentar por meio de um relato, faço uma interpretação de mim mesmo, uma vez que explicito as etapas e os campos temáticos da minha construção. Concomitantemente, assumo o papel de intérprete do mundo histórico e social em que estou inserido e assim, produzo categorizações que permite me apropriar do mundo social no qual defino e tenho definido o meu lugar (Delory-Momberger, 2006).

Remontar a minha experiência escolar e os seus entornos, referenciando pessoas, grupos e acontecimentos que fazem parte da minha vida, foi o que me

propus a fazer neste texto. Para tanto, busquei traçar um fio condutor da história de minha vida que tivesse seu eixo no processo de formação escolar desde o ensino infantil até a tão sonhada graduação.

No entanto, foi para mim impossível construir um relato de mim mesmo nestes propósitos sem que pudesse embrenhar-me pelos contextos familiares, sociais e políticos em que me inseri durante o percurso até agora vivido. Preciso registrar o quão maravilhoso foi para mim a prática autobiográfica.

Procurei trabalhar com um material narrativo constituído por recordações consideradas como experiências significativas na minha aprendizagem e sobre o legado que a escola me deixou (e deixa).

[...] para que uma experiência seja considerada formadora, é necessário falarmos sob o ângulo da aprendizagem; em outras palavras, essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades (JOSSO, 2004, p. 47-48).

Ao escolher falar sobre aquilo que considero experiências formadoras em minha vida escolar, falo de mim e do mundo que eu enxerguei. Somente a partir da assimilação dessas experiências posso entender de que maneira as dinâmicas de formação, de conhecimento e de aprendizagem narram a inter-relação entre o meu passado, o meu presente e o meu futuro.

1.1 Minha história pessoal e educacional

Eu sou Luis James Barros da Silva, nasci no dia 02 de novembro de 1985, no hospital Evangelina Rosa em Teresina, capital do Estado do Piauí, às 3h da manhã. Sou filho de mãe solteira, a quem foi batizada por Francisca das Chagas Barros da Silva, minha mãe.

Nasci numa data que até pouco tempo tinha certo preconceito, mas com leituras e reflexões terminei vendo que é apenas mais uma data, sem muita importância. Sabe-se que 02 de novembro é a data que a Igreja Católica Apostólica Romana comemora o Dia de Finados. Data essa em que os vivos se “lembram” dos que já viveram. Tradição essa herdada dos Incas e incorporada à cultura espanhola e depois adotada pela Igreja Católica.

Sou primogênito de três filhos, sendo que a primeira gravidez da minha mãe ela sofreu uma aborto espontâneo. Eu e meus irmãos temos a diferença de cinco anos de um para o outro. Ambos já são casados e moram próximo a casa de minha mãe em Teresina.

Da minha infância recordo de poucas coisas. Morávamos numa casa de taipa coberta de palha com minha mãe e tia, próximo de minha tia avô com seus filhos. Meus tios mais novos na época eram adolescentes e sem paciência para nos ensinar, o que me levou a fazer o mesmo com meus irmãos. Hoje, com ajuda do curso de Pedagogia, entendo que “somos reflexos daquilo que aprendemos”.

No tempo de infância lembro-me de dois amigos: Laercio e Médici, também tinham as meninas, mas irei lembrar apenas o nome da irmã de Laercio que é Vanessa. Recordo das brincadeiras e aventuras que vivíamos na época. Sempre estávamos juntos e procurando coisas para fazer. Próximo de nós havia um enorme terreno cheio de mato que nos aventuramos a desbravar. Nesse local, alguns anos depois, foi construída uma enorme escola que ficou conhecida como “escolão”, local que mais tarde eu viveria momentos bons e momentos ruins.

Terminando essa lembrança da infância, Médici continuou morando próximo da casa de minha mãe. Laercio se mudou para outro bairro que, antes de eu vim para Imperatriz, tive a sorte de reencontrar a irmã dele e vê-lo novamente, mas ele não estava em um momento bom, pois tinha pouco tempo que havia perdido seu pai e passava por um momento depressivo. A última notícia que tive dele é que havia se mudado para o interior do Piauí, onde foi morar com sua avó e que ainda não tinha se recuperado da morte do pai.

Tive outros colegas, mas esses dois marcaram minha vida. Os outros já foram na pré-adolescência. Jogávamos bola, brincávamos de peteca, correr, esconde e outras brincadeiras. Esses moravam na rua detrás, da rua de frente eram mais meninas, mas também me misturei, foi com elas que tive mais contato, passando pela adolescência e até meus 18 anos. Conversas boas e amigáveis, sempre procurando ajudar da melhor forma possível. Não posso esquecer seus responsáveis (pais, mães, avôs, tios...) pelo respeito e confiança que tinham em me deixar ter contato direto com suas filhas. O que os outros meninos não tinham.

Recordo do tempo de creche, não irei lembrar-me de muitos detalhes. A creche se chama “Tia Carlota” e minha professora se chamava Socorro. Uma mulher negra, alta, de olhar severo, mas que cuidava de todas e todos com muito carinho.

Lembro que as paredes eram enfeitadas com tarefas que fazíamos com arroz, feijão, milho, nossas belas pinturas, todas com papel tipo “jornal”.

Finalizei a creche com a colação de grau, foi uma festa exuberante para aqueles anos. Não havia participado de festa tão detalhada, cheia de convidadas/convidados, tudo muito bem ensaiado e as professoras “tias” todas “orgulhosas” de seus aprendizes do ABC. Não me lembro da professora lendo ou até mesmo passando atividades bem elaboradas. Recordo que todas as tarefas eram de pintar ou cobrir.

Com a saída da creche ingressei em uma das escolas modelos de Teresina, que era conhecida como “Escolão”, mas se chamava “Centro de Educação Comunitária do Mocambinho”. Mocambinho era o conjunto habitacional aonde se localizava a escola, mas eu morava na “Vila São Francisco”, a residência de minha mãe ficava em frente da formosa escola.

Rememoro que para arrumar uma vaga nessa escola era difícil, minha mãe teve que dormir na fila durante um final de semana para que na segunda pudesse efetuar a matrícula. Escola essa que era o dia todo (semi-interna), nela cursei da 1ª a 8ª série (1992 a 2000), ficando durante 9 anos, pois reprovei na 4ª série.

Nessa escola entrávamos às 7h da manhã e saíamos às 18h. Fazíamos todas as refeições, do café da manhã ao almoço e merenda da tarde. Todas as atividades eram feitas na escola, com poucas tarefas de casa. Tinha três recreios sendo o maior dele após o almoço. A escola tinha de tudo, desde sala de leitura, biblioteca, quadra de esporte, auditório, cantina, refeitório, salas técnicas, espaços verdes e muitos bancos, para quem não brincasse pudesse ter locais para sentar, geralmente ficavam em locais com sombra.

Tenho boas e más lembranças dessa escola, desde ao mundo ao qual fui submetido e toda sua violação humanista. Resumindo a obra: dos nove anos, sofri preconceito por ser filho de mãe solteira; tive que aguentar piadas por cultivar meu cabelo grande, meus longos cachos, tenho saudades. Interessante que nessa época não tinha muito esse olhar “heteronormativo” de “homem” relacionado ao sexo biológico masculino, como: homem bem educado, que fala manso ou fino, com comportamento não sendo de macho, entre outros que hoje a sociedade desenha como sendo de pessoas homossexuais do sexo masculino. Fora isso, vamos aos episódios bondosos.

Minha segunda professora se chamava “tia Franklinete” que nos acompanhou da 1ª a 4ª série do 1º Grau (2º ao 5º ano do Ensino Fundamental). Professora essa muito severa, todas/todos outras/outros alunas/alunos tinham medo dela por causa dessa fama, mas no fundo era um doce de pessoa, amável, emotiva e amiga. Falo isso por que foi uma pessoa que me ajudou muito, inclusive trazendo almoço quando a escola não tinha refeições e nós éramos despachados para casa tendo que retornar no período da tarde.

Tem um episódio que ela me chamou e olhando no fundo dos meus olhos disse: “você tem que rebater esses meninos que te chamam de mulherzinha. Você tem que cortar esse cabelo”. Não contei isso para minha mãe, e também não via mal nenhum com meu cabelo. Quanto aos xingamentos de “mulherzinha” não sabia o motivo, pois não brincava com os meninos e tampouco com as meninas, era um garoto na minha, sem conversas com as/os outras/outros, sentava no meu cantinho e ali era meu mundo. Anos depois vim saber o porquê de “mulherzinha” através de uma explicação de uma professora de ciências.

Era um aluno calado, envergonhado, não gostava de incomodar ninguém, tampouco a professora, por causa disso tive bastante dificuldade na aprendizagem. Uma mãe analfabeta e os tios mais novos não tinham paciência, sempre que errava algo me davam um “cascudo” o que isso levou a não pedir mais ajuda e as tarefas de casa sempre voltavam em branco.

Cheguei na 3ª série sem saber ler, o que faz lembrar que eu era um dos poucos que estava atrasado quanto ao mundo da leitura, e cada vez os livros iam ficando mais complexo e sem graça. Nessa série, lembro como agora que escrevo: era uma manhã de sol e os raios adentravam pela janela, a professora me chamou na sua mesa a qual se encontrava com o livro aberto, sai da carteira de cabeça baixa e me dirigi até ela e pedi para ler aquela palavra. Olhei para fora, meus olhos encheram d’água e ouvi-a falar: “é sua ultima chance, caso não saiba você vai ficar reprovado”. Olhei para o livro, a sala em silêncio, e proferi aqueles símbolos escritos: ge ma – Ela pergunta: “que palavra é essa?”, volto novamente a olhar para fora, tentando assimilar e saí: “gema?”; ela suspirou e disse que estava certo, aquilo foi uma festa dentro de mim. Tinha esse livro guardado comigo, nunca assimilei a gravura a palavra, mas desde esse dia, a leitura se tornou algo a explorar em na minha vida.

Passei de ano, mas na 4ª série não houve jeito, fiquei reprovado, primeiro por não ter capacidade de continuar a estudar na série que vinha adiante, depois perdi duas avaliações e não teve mais como recuperar, pois a escola estava em reforma e eu acabei viajando para casa dos meus padrinhos aqui em Imperatriz. E quando soube que as aulas haviam retornado, também fiquei sabendo que estava tendo aulas remotas, uma semana sim e outra não.

Repetindo novamente a 4ª série, tive outra professora que nós chamávamos de “Tia Rosete”, não muito diferente da outra, mas era brincalhona e me incentivou a ler, sempre trazia algum livro para eu ficar lendo no intervalo do recreio maior. Depois que fiquei sabendo que esses livros eram das suas filhas que estudavam em escola particular e depois ficaram sendo minhas “colegas”, pois tive a satisfação de ter um convívio com elas, pois a professora sempre que podia me levava para sua casa para brincar com as mesmas. No final do ano passei “direto”.

Na quinta série, nova dinâmica de professoras e professores, colegas as/os mesmas/mesmos, sem muita novidade quanto à turma, só alguns rostinhos diferentes, mas 90% eram os remanescentes. Primeira vez que tive professor do sexo masculino e também descobri que éramos mais independentes quanto aos estudos, pois professoras/professores não iriam mais ficar pegando “no pé” para saber se fez ou não as atividades. Mais um grande desafio e me dei muito mal, principalmente com a matemática e Língua Portuguesa (Gramática), que foram meu calvário até a 8ª série, ficando em recuperação ora em um, ora em outro.

Foi nesse período que descobri a biblioteca da escola, grande, cheia de livros e estantes, mesas enormes e com dois profissionais que eram professoras/professores e não bibliotecárias/bibliotecários. Local esse que recebia a comunidade, poucas pessoas, todas/todos em silêncio, apenas ouvíamos o barulho das páginas dos livros sendo mexidas com o escrever dos lápis, sob o olhar severo dos profissionais que já estava escrito no olhar delas/deles: “Silêncio!”.

Também descobri a Sala de Leitura, que foi meu maior encanto, com bastantes livros pequenos e de poucas páginas, tudo bem organizado, paredes bem coloridas, com muitos desenhos e cartazes, era um local bom de ficar, bem ventilado, com iluminação boa e a professora bem comunicativa, um pouco “baratinada”, era a forma que as/os outras/outros alunas/alunos falavam dela. Depois entendi que era uma pessoa que sofria depressão, então conversar era uma forma de se distrair dos seus pensamentos.

Em uma de nossas várias conversas, ela relatou que gostava muito de ler e que já tinha lido todos aqueles livros que estavam nas estantes, por isso ela sabia comentar sobre cada um. Perguntei por que as professoras nunca havia nos levado lá, elas diziam que era por causa do horário, não dava tempo. Hoje entendo que a grade curricular com seus conteúdos obrigatórios e professoras/professores que não planejam ou dinamizam suas aulas, arranjam várias desculpas: “não tem tempo”; “as/os alunas/alunos não gostam”; “vão só para bagunçar”; “elas/eles estão atrasadas/atrasados no assunto”; entre vários outros.

Foi na sexta série que a Professora de ciências, Graça Palha, me chamou para conversar, pois era um aluno muito calado, não me envolvia com a turma, sempre estando só, não fazia as tarefas, não participava das aulas de campo, entre outros aspectos. Disse a ela que era meu jeito, que não gostava das brincadeiras dos meninos por ser muito violentas ou correndo, seja de bola, pega-pega, entre outras e que depois tinha que banhar no banheiro coletivo com os meninos maiores que sempre ficavam sacaneados os pequenos. Eu não gostava daquela cena. E com as meninas não gostava de me envolver, já que me chamavam de mulherzinha por ter cabelo grande, imagine se eu andasse com elas para todos os lados. Passava o tempo todo sentado no banco, vendo o movimento, no horário do recreio, pois não era permitido ir para sala de leitura ou biblioteca, para não fazer barulho; o vigia fechava o acesso que dava a tais salas.

Com essa conversa ela perguntou se eu apanhava ou se sofria algum abuso em casa, disse que não. Ela forçou novamente a pergunta e disse para eu não ter medo de falar a ela, pois não iria acontecer nada com ninguém. Reforcei novamente um “não”. Que eu era daquele jeito mesmo. Foi aí que ouvi falar sobre “homossexualismo” quando ela me interrogou sobre minha sexualidade: “você gosta de meninos, tipo, você sente algum carinho por eles?”. Disse novamente que não, só que não gostava de brincar com ninguém. Gostava de ficar só.

Chegando em casa, a noite, com a cabeça cheia dessa conversa, fui perguntar ao meu tio e também padrinho o que era “homossexualismo”. Era o único que tinha coragem de perguntar algo, por ele ter a “cabeça aberta”, sempre era do contra e falava o que vinha na “lata”. Ele perguntou onde eu havia visto e contei toda a história para ele. Foi uma conversa muito bem explicativa e que organizou meu comportamento e também fez levantar muralhas que tento até hoje derruba-las.

Nessa conversa ele afirmou que não tem nenhum problema em ser diferente, de gostar de meninas ou até mesmo de meninos, o que importa é ser feliz, respeitando todas as pessoas e se dando respeito. Foi a primeira vez que vi um homem nu, ele me mostrou que eu iria ficar daquele jeito quando adulto, mas o que iria valer seria meu comportamento perante todos os outros que estariam ao meu redor. Com essa conversa e outras que meus tios colocaram a moralidade nos meus pensamentos, carrego ainda hoje alguns vestígios, mas desconstruí algumas e construí outras, afinal a sociedade vive sempre em evolução e temos que ser mente aberta para aceitar o outro da maneira que ele é, claro, não passando por cima da ética e da Lei.

Na sétima série foi onde comecei a “me soltar”, a participar das aulas, dos grupos, fazer os trabalhos de campo fora da escola, ir com o grupão para um só lugar, o que sempre era um bagunça, mas achava aquilo muito bom. Minhas/meus colegas faziam coisas “erradas”, mas com as orientações de casa, nunca me deixei envolver, sempre respeitaram esse meu lado e não era chamado de “fresco” e tampouco de “viado”.

Com essa nova fase em minha vida comecei a criar amizades com todas/todos funcionárias/funcionários da escola, gostava muito de ouvir as histórias que elas/eles contavam e comecei a ganhar prioridades, inclusive de ir para sala de leitura e computação, aos quais comecei a ser frequentador assíduo.

Nessa nova roupagem quase fico reprovado na 7ª série, e olhe que não foi em português ou matemática, que eram uma pedra no meu caminho, mas sim em ciências, ministrada pelo Professor Borges. Professor engraçado, sempre arrancava gargalhadas da turma. Trazia sempre uma novidade, foi o primeiro Professor de ciências a levar a turma para o laboratório de ciências. A recuperação seria um seminário, individual, todas/todos que ficaram estavam nervosas/nervosos, mais eu consegui e ainda recebi um elogio dele, que durante todas as apresentações esteve com um olhar severo e fazendo suas anotações.

Quando passamos para as séries maiores do agora chamado “Ensino Fundamental”, tínhamos aulas técnicas, entre várias, participei das seguintes técnicas: agrícolas, teatro, datilografia, corte costura (não aprendi a cortar nada) e artes manuais.

A oitava série é o que costumo chamar de “clímax”, é seu último ano na escola que você passou pelo menos quatro anos. Toda/todo aluna/aluno concluinte

pensa que chegou ao apogeu do ensino, ajuíza que manda nos pequenos, responde as/os professoras/professores, na verdade ficam rebeldes.

Nesse último ano foi o tempo mais bem aproveitado que tive, meu ápice, fiz de tudo que gostaria de ter feito (penso), brincava com a turma, enfrentava as/os colegas em discussões e debates, participei de todos os eventos da escola desde gincana, jogos escolares até festival de música e dança. Passei a ir a casa do pessoal fazer trabalhos escolares, ia para passar o final de semana. Enfim, foi um ano com ótimas lembranças, nem imaginava a virada que seria ao tentar fazer o Ensino Médio.

O Ensino Médio, todo mundo querendo ir para a Escola Técnica Federal, era o sonho de toda/todo boa/bom aluna/aluno, pois ninguém gostaria de ir para as escolas estaduais, que nessa época eram vistas como precárias e até mesmo inexistentes. Foi nesse período que cortei todas as relações com meu genitor, pois foi o momento que mais precisei dele e simplesmente falou: “Você não é meu filho, não tenho filhos brancos.” Com isso, mesmo passando em tal escola federal, não tive condições de cursá-la, pois era muito longe de casa e ir a pé era uma viagem de 2h.

Quase não falei de minha mãe em relação à escola, mas é por que não teve. Trabalhava como doméstica na casa dos outros, passava o dia todo, chegava à noite e saía cedinho, muitas vezes eu e meus irmãos nem havíamos acordados. Agradeço por ter sido um bom aluno, pois ela nunca precisou ir à escola por reclamação e nem por elogio. Não precisou ir para renovar a matrícula e tampouco para pegar a declaração para me matricular no Ensino Médio, até essa, pela boa amizade, a secretária da escola forneceu-me sem precisar da presença de algum responsável.

Tive ótimas/ótimos colegas do Ensino Fundamental, dentre elas, amizades que pensava que nunca morreria, mas ficou inexistente assim que cada um seguiu caminhos diferentes. Hoje sei que amizade de escola é difícil permanecer.

Não posso esquecer-me de mencionar todas/todos professoras/professores e funcionárias/funcionários que passaram na minha vida durante o ensino fundamental: Língua Portuguesa – Elizete; Matemática: Castelo e Inês; Ciências: Graça Palha e Borges; Geografia: Albaniza e Machado; História: Rita; Artes: Cristiane; Educação Física: Marilene. As/Os diretoras/diretores: Moura, Severino e Barreto, Barreto e Castelo, Altamira e Albaniza. Secretária: Francisca.

Pedagogas/pedagogos: Rosa, Djalma e Reginaldo: Bibliotecárias: Antonia e Estella. E da Sala de Leitura: Profa. Rosimar.

Iniciei meu calvário no Ensino Médio, apaixonado pela minha ex-escola, onde fui voluntário durante dois anos e meio. Comecei a fazer o Ensino Médio na Unidade Escolar Prof. Felismino Freitas, no turno vespertino. Escola estadual, localizada no bairro Mocambinho, a 2km de distância de casa. Lembro que tive que fazer teste em uma escola aonde sobrava vagas, mas era a orientação do órgão maior.

Tentei estudar, juro que tentei, mas a falta de livros, a falta de dinheiro para tirar cópias, veio novamente todo um preconceito das/dos novas/novas colegas a quais nem tive coragem de formar grupos com elas/eles até mesmo por serem moças e rapazes bem mais velho que eu. Com isso veio à prostração de continuar, menti em casa dizendo que ia para a escola e mentia no local aonde ficava dizendo que estudava pela manhã. Com isso pude continuar dentro do ambiente escolar.

Dessa escola lembro muito bem do Professor de filosofia que depois fiquei sabendo que ele ganhou a eleição para diretor e o mesmo estava fazendo uma boa gestão. A aula dele era a única que não me sentia constrangido, pois ele não usava livros; falava, escrevia, lia, demonstrava suas falas, falava com o corpo. E isso achava muito brilhante. E ele foi um dos profissionais que trago como exemplo.

No ano seguinte fui procurar vaga na Unidade Escolar Firmina Sobreira, escola mais velha de ensino pública de Teresina, no primeiro bairro por onde a capital começou seu povoamento. Lembro que não havia mais vaga para o curso noturno e até mesmo a seleção já havia passado. Tive que oferecer meus serviços e conhecimentos que adquiri e assim começar a sonhar novamente com a conclusão do Ensino Médio.

Portanto, não demorou muito tempo para desistir, os mesmos problemas e também culpa minha, pois comecei a me envolver muito com o voluntariado na escola. Mas lembro de duas pessoas que me marcaram, uma Professora de Inglês (Cecília) e o Professor História (Renato). Ela por trabalhar durante o dia na Caixa Econômica e a noite dando aula. Tive a curiosidade de perguntar a ela o “porque”, ela disse que era a paixão dela: dar aula, ela se realizava, ela só trabalhava no banco por que a profissão de Professor ganhava-se muito pouco, e como boa parte das/dos alunas/alunos tinha dificuldade em obter material, o salário dela como professora era revestido em apostila e material que ela sempre distribuía para as turmas, mas também era a única.

O Professor de História, Renato, era um profissional carrancudo, não dava um sorriso, sua face todo tempo séria, parecia que não mexia um musculo só do rosto, mas de uma mente brilhante, lecionava sua aula sem pegar no livro, via que ele falava tudo o que tinha naquele capítulo que estava a proferir, observando nas apostilas das/dos colegas. Lembrava-se de datas, nomes, lugares, tudo, tudo mesmo. Ficava a imaginar: “como pode uma pessoa tão séria lembrar tudo isso e passar de forma tão dinâmica que ficava chateado quando a aula acabava.”.

Na Escola “Firmina Sobreira” fiquei sendo voluntário durante três anos, lá pude conhecer bons profissionais e uma ótima Pedagoga, que virou minha amiga e passou a incentivar que fizesse o curso de Pedagogia, pois teria um olhar de como funciona a educação. Na escola fizemos muitos projetos e um deles foi a Sala de Leitura “Torquato Neto”. Ajudei essa grande Pedagoga e amiga, Professora Graciete, na elaboração do projeto, na aquisição dos livros, na inauguração da sala, das palestras que ela fazia, dos convidados e contadores de história, do clube “chá das 6”, dos piqueniques literários quinzenais na praça em frente da escola, culminados em um sarau, com declamações de poesias, cantoria e até mesmo troca de ideias dos livros lidos, o que levava a procurar ler alguns livros mencionados, pois deixava gostinho de “quero mais”.

Essa minha amiga, incentivava-me a voltar a estudar, a ser alguém na vida, me levava para casa dela, mostrava sua biblioteca particular. Sua casa era um paraíso, com plantas e árvores, poucos móveis e em todos os lugares da casa tinha um livro solto, pois ela dizia que era sua companhia. Comecei a frequentar a casa dela, tomávamos café e ela se deliciava contando histórias e aventuras sobre os livros lidos. Antes de sair da escola e vir para Imperatriz, ela havia nos deixado, pois recebeu uma proposta da Secretaria Estadual de Educação para fazer parte de uma comissão de incentivo à leitura, ela está até hoje como coordenadora.

Graciete não sabia que eu sonhava em ser um Profissional da Educação, ser um Professor, não tinha definido ainda se seria geográfico ou matemático, mas depois que a conheci e todo seu entusiasmo e dedicação ao trabalho, resolvi que seria um Pedagogo, um excelente Pedagogo. Pena que ela nunca me contou a verdade, de todas as mazelas que a educação tem, o que me levou mais tarde ao fundo do poço.

Com a morte de um colega, amigo de adolescência, me tirou um pouco da vontade de continuar ali, pois ainda não tinha definido que rumo dar a minha vida. E

esse meu colega era um Professor, foi morto voltando para casa, depois de um dia cansativo de trabalho. Lembro-me desse dia, pois ao sair de casa para ir ao “serviço” me deparei com uma multidão de alunas/alunos da escola São José, escola particular que ele dava aula. Não tive a curiosidade de perguntar o que tinha ocorrido, pois estava próximo ao “Dia do Professor” e também do aniversário dele, pensei que as/os alunas/alunos haviam se juntado para homenageá-lo, pois ele era um bom profissional e amigo das/dos suas/seus alunas/alunos. Dei a volta para não passar em frente a casa dele e segui meu destino. Só fiquei sabendo da sua morte, meio-dia, quando recebo uma ligação de minha mãe, dando “graças a deus”, pois ela imaginava que o professor que havia assassinato no bairro Dirceu Arcoverde e que residia no Bairro São Francisco Norte, não era o filho dela, mas para minha angustia era meu amigo. Meu bom e velho amigo.

Meu tio Antônio Vilmar “Riba”, me chamou pela última vez a vim com ele para Imperatriz, pois já havia feito o convite várias vezes. E sem medo, disse “sim”, que iria, pois ali meu futuro era incerto, não tinha perspectiva e imaginei como seria estar ali ainda, se pelo menos ainda estaria vivo. Deixei amizades, amigas e colegas. E de “coração partido” deixei minha mãe, pessoa que nunca pensei que iria um dia viver longe. Mas segui, mesmo chorando por dentro.

Chegando a Imperatriz em agosto de 2004, no meu primeiro dia (noite) na cidade, fui assaltado, já fui conhecendo a cidade pelo seu famoso lema: “Em Imperatriz se mata um hoje e deixa outro amarrado como garantia para o outro dia.”. Cheguei em casa aflito, querendo voltar para casa, nunca tinha visto um revólver fisicamente, apenas pela televisão. Depois de algum tempo, uma senhora me parou e disse: “naquela noite você só não morreu porque o revólver falhou, pois o bandido puxou o gatilho”. Ela disse isso e eu apenas abri um sorriso, nem tive reação de perguntar se ela viu tudo aquilo e não ofereceu ajuda, pois fiquei perplexo com a situação.

Fora isso, outras bicicletas foram roubadas, assaltado em frente da escola, pois tinha que sair de casa cedo, visto que o caminho era longo e eu não gostava de me atrasar para não ficar dando justificativa na direção.

Meu tio me colocou numa aula particular para prepara-me a seleção do CEFET (hoje IFMA), foram quatros meses de muitos estudos, dia e noite, e eu tinha a obrigação de passar, pois minhas primas todas estudaram lá e estavam em bons empregos, era o ditado do meu tio.

Chegando o dia do teste, muito nervoso por causa da pressão do meu tio, afinal era o primeiro membro da família dele a tentar fazer isso, pois meu irmão do meio foi e não deu certo, minha prima também não. Então tinha uma obrigação e veio à primeira decepção, fiquei na fila de espera, em primeiro lugar, minhas primas me consolaram dizendo que tinha grandes chances de entrar.

Lembro-me que todo o dia ia à escola para ver essa bendita lista com meu nome, até que uma sexta saiu e na segunda já estava fazendo minha matrícula e entrando na tão sonhada escola galgada pelo meu tio. O que para mim foi uma decepção.

Como já tinha bons conhecimentos de práticas pedagógicas, da complexidade do mundo que é a educação me deparei com professoras/professores que não planejavam, chegavam mandavam abrir o livro e não tinha uma percepção de acolher o assunto, ou até mesmo explicar as dúvidas. Elas/eles achavam que estavam dando aulas para estudantes autossuficientes, capazes de desenvolver sozinho todo o conteúdo “jogado”.

Como vinha de duas desistências do Ensino Médio, morava com meu tio, que se orgulhava em dizer: “o James passou no CEFET”, não podia decepcioná-lo, mas não estava nada bem, não estava aprendo nada, apesar de ter todos os livros, de usar uma farda nova e ir à escola impecável, com se fosse um estudante de escola particular. Não me sentia fazendo parte daquele mundo. O que me alegrava era a Biblioteca, pois tinha muitos livros, refrigerada, os profissionais que lá estavam recebiam bem suas/seus visitantes. Muitas vezes passava o dia na escola, pela manhã na aula, à tarde na biblioteca e a noite no ensino técnico. Quantas vezes não matei minha fome comendo manga debaixo das mangueiras que lá tinha.

Certo dia, minha prima me perguntou se eu estava feliz, disse que estava, mas ela disse que não via brilho em meus olhos. Disse a ela que tinha tudo, estava numa casa aonde a família era feliz, tinha todas as refeições no horário certo, tinha a atenção delas, principalmente da “tia Linalva”. Tenho um enorme carinho e também ciúmes, mas entendi depois que por causa da sua atenção maternal, pois a minha não tinha tempo nem de abraçar seus filhos.

Contei a minha prima que não estava feliz estudando no CEFET, que as/os professoras/professores não eram tudo aquilo que as pessoas falavam, falei mal de todas e todos, disse que do ensino técnico eu entendia, mas as/os que lecionavam no ensino médio não entendia a metodologia, não preparavam nada, apenas

jogavam e que eu estava com medo das notas vermelhas e da repressão do meu tio, pois ele se espelhava muitos nelas (filhas da tia Linalva, que não era filhas dele) para me dar exemplo. Cristine conversou com a tia que disse ao tio sobre tudo que havia falado e meu tio disse a ela: “ele que sabe”. Sei que foi uma decepção para ele, depois cheguei a ele e falei que gostaria de ir para outra escola, mas que continuaria a fazer o ensino técnico. Mesmo assim via nos olhos dele que não havia gostado e que passou alguns dias sem falar comigo.

Com isso fui procurar vagas em duas escolas bem faladas na época (2005): Nascimento de Moraes e Amaral Raposo. A primeira só tinha vaga à tarde, e a segunda não havia. Fui para casa, conversei com tia Linalva e ela perguntou se eu tinha pique de sair da escola e correr para o CEFET. Disse que poderia tentar. Mas ela foi bem categórica: “não pode desistir”.

Persisti indo na Escola Amaral Raposo. Escola essa situada no Bairro Bacuri, próximo ao Centro da cidade de Imperatriz. Hoje funciona o Colégio Militar “Tiradentes”, sendo que a escola Amaral foi transferida sua sede para a região da Vila Fiquene, perdendo assim toda sua história e características para sedear um colégio ao bel prazer dos mandatários da política maranhense.

Ao longo de dois dias indo pela manhã e a tarde, consegui uma vaga na escola Amaral Raposo. Conversando com a secretária, agradei muito pela vaga (não consigo recordar seu nome), me garantiu que quando surgisse uma vaga pela manhã, seria o primeiro a ser transferido, sendo que na semana seguinte comecei no turno matutino. Nem deu tempo de fazer laços de amizade. Lembro-me da aula de sociologia, foi minha primeira aula no turno vespertino, a professora fez questão de falar que era ex-secretária de Educação do Município de Imperatriz na gestão Jomar Fernandes. Achei aquilo ridículo, como se fosse o alto grau a chegar, mas me questionei: “será que ela fez uma boa gestão? E o que levou ela voltar à sala de aula?”.

Diferente das outras salas de aula do passado e das recentes por onde andei, a turma me recebeu espantado, aquele garoto bem mais velho (20 anos) no meio de adolescentes, “cabeludo”, fechado e observador, mas logo esse paradigma foi quebrado, mantendo o respeito por eu ser o mais velho da turma, fiquei amigo de todas e todos. Os três anos que passamos juntos fui muito bem aceito, sem piadas, sem questionamento por causa do cabelo grande e ganhando sempre atenção ao falar.

Tive excelentes professoras e professores, bati boca com um, devido seu ponto de vista ser bem diferente da realidade da turma, por pouco ele não me reprovou, graças às boas notas nas outras disciplinas, não teve justificativa da reprovação. No último ano, antes da saída antecipada do Ensino Médio, ele me chamou na frente de toda a turma e parabenizou por eu ter sido um estudante de excelência, apesar dos debates e do nervosismo, sempre mantive o respeito a ele e exigia isso das/dos colegas.

Peguei amizades com todas/todos professoras/professores, inclusive um foi meu professor também no CEFET, tiver que explica-lhe os motivos que me levaram sair de uma Escola Federal para uma Estadual. Esclarecido, ele parabenizou e disse para não me arrepender, mas isso não aconteceu.

Durante os três anos nessa escola participei de tudo, tive a oportunidade de ser representante durante dois anos e no último não aceitei, pois a roda tinha que girar. Apresentei seminário sozinho, cantei no pátio repleto de estudantes, fiz homenagem as/os professoras/professores, roda de leitura, aula de reforço com a turma – trocando ideias com quem dominava mais uma disciplina e assim todas/todos participavam.

As Professoras de Língua Portuguesa: Teresa, Socorro Gomes e Gláucia; cada uma dominando sua área de interesse, sempre incentivaram a leitura, principalmente a professora Gláucia, que me surpreendeu pela boa amizade que tivemos, as/os colegas ficavam abismado, porque só eu “gostava” dela. Mas sempre tive grande respeito por todas/todos minhas/meus professoras/professores.

Aproveito para relembrar os nomes das/dos professoras/professores que tive a honra de ser aluno: Língua Portuguesa: Teresa, Socorro Gomes e Gláucia; Matemática: Batista, Jany e Gilvan; Biologia: Denise e Cristina; Física: Zenilde e Anderson; Química: Zenilde, Flávia e Gleice; História: Teresinha e Francisca; Geografia: Roberval; Sociologia: Roberval; Filosofia: Roberval e Oneide, Artes: Francisca e Educação Física: Marilúcia.

Encerrando minha passagem pela Escola Amaral Raposo, ganhei uma bolsa cem por cento do ENEM 2007 na Faculdade Unisulma no curso de Serviço Social. Ganhei o diploma de conclusão do Ensino Médio antecipado, mas não me matriculei no curso, pois tinha ambição de fazer Pedagogia, e fui criticado por alguns professoras/professores próximos dizendo para eu fazer outra coisa, pois educação “não dá dinheiro”. Mas era meu sonho, tinha que realizar.

Aproveitando esse ensejo, durante meu Ensino Médio, fiz concurso para o município de Imperatriz e fui aprovado, comecei a trabalhar em 2007 na escola Eliza Nunes a qual me encontro até o momento, passando um ano fora. Durante essa estadia no Ensino Médio, terminei o Ensino Técnico no CEFET, mas enrolei no estágio, recebi propostas, mas recusei, porque via que iria atrapalhar meu sonho de fazer a faculdade de Pedagogia.

Devido a isso, meu tio descobriu - já viu! -, foi àquela conversa “regada” de palavrões e ingratidões, nas palavras dele. Mas o que me doeu no fundo do inconsciente foi quando ele soltou a palavra “vagabundo”, “que eu não passava de um vagabundo”. Essa palavra me fez ir para Teresina, sem ter planejado. Lembro que segurei o choro todo o tempo, mas quando avistei a casa de minha mãe, não segurei, entrei casa adentro chorando, sorte minha que não havia ninguém em casa. Quando minha mãe chegou do serviço, já estava sabendo de toda a história e falou: “você só volta se quiser, nós já passamos por muitas coisas e podemos passar por isso também”.

Conversei com ela e expliquei que iria retornar, pois estava esperando ser chamado no concurso. Se nada desse certo, em março estaria de volta. Por força do destino, tudo correu a meu favor. Fui chamado no concurso, em março de 2007 assumo o concurso, sai da casa do meu tio para mora só. Foi uma experiência horrível, mas foram apenas alguns meses até a aprovação no vestibular.

Faço minhas inscrições para o vestibular da UFMA e UEMA, ambas para o curso de Pedagogia. Faço as duas etapas do vestibular, e obtenho aprovação em ambas, porém optei pela UFMA pela questão do horário e do local onde estava planejando em morar. Entrei no tão sonhado curso de Pedagogia, nova etapa, novas/novos colegas, professoras/professores e conheci também meu amigo e irmão e até hoje tenho convívio.

O curso de Pedagogia foi o que me levou ao Olimpo e também ao submundo de Hades. Foi no início do curso onde descobri que fazemos parte de um sistema muito complexo e que no final, não mudamos nada, pois somos a base, aonde se “ganha o bolo, já mastigado e molhado, só no ponto de engolir”. Mas também tive bons momentos com pessoas e profissionais maravilhosos e que pude analisar toda complexidade da educação e tentar fazer minha parte, mesmo que isso pudesse me levar à loucura.

No primeiro dia de aula cheguei atrasado ao local onde estava tendo as aulas, pois fui atrás da sala na faculdade e só depois de muito tempo descobri que a sala estava funcionando na Escola Tocantins que ficava ao lado da universidade. Tinha perdido a apresentação do professor assim como também as boas vindas dadas pelo Centro Acadêmico de Pedagogia. Lembro da turma dominada por mulheres, só havia sete pessoas do sexo masculino.

Nossa primeira aula estava sendo de Sociologia da Educação ministrada pelo Mestre Prof. Batista. Professor crítico do sistema político brasileiro, sempre com assuntos complexos e elucidativos de tudo que acontecia nos dias atuais, ligando a história e o que a burguesia queria do povo. Nesse período tivemos filosofia, história, psicologia e antropologia da educação.

Encerrando o primeiro período tive uma enorme dificuldade com psicologia ministrada pela Profa. MSc. Kíria. Custou muito sair do senso comum e mergulhar nas obras científicas que provam a teoria, mantendo o teor científico. Mas de toda a turma só passaram cinco pessoas e eu estava nesse grupo.

Abrindo espaço nesse memorial, não posso esquecer de mencionar essa grande pessoa que tenho um enorme carinho, chamado Carlos Humberto. Foi na UFMA em um dia sem aula, no corredor do prédio novo (jornalismo) em que nossos olhares se cruzaram, sentamos e conversamos durante quatro horas, conversas que não sabíamos de onde parecia tanto assunto. Parece conspiração do universo, pois conversando com ele sentia que o conhecia sempre. Amizade essa que transcendeu os muros da UFMA e que tenho o enorme prazer de tê-lo em minha vida e chama-lo de irmão, que ele é minha família.

No segundo período com mais disciplinas pude me debruçar na teoria fazendo uma ligação de toda minha vida escolar e trabalho. Não posso esquecer de citar que estava trabalhando em uma escola, e que tentava colocar em prática lá o que achava o certo acontecer. Pobre de mim! Nada daquilo entrava na mente das coordenadoras, do diretor e tampouco das/dos professoras/professores, imagine as/os demais funcionárias/funcionários. Ficava a pensar como todas/todos aquelas/aqueles profissionais tinham curso superior? Estavam trabalhando naquela profissão e não fazia por onde ter qualidade por aquilo que ganhava seu sustento.

No final do segundo período tive minha primeira crise existencial quanto ao curso, vivia estressado, tentando fazer as coisas acontecer de acordo com a teoria, aplicando na escola, mas não sabia eu que era tudo em vão. E assim passou o

terceiro e quarto período. Já estava exausto, cansado de fazer algo que não via futuro e que na escola não tinha ajuda, apenas apoio: “vai lá, faça”.

As disciplinas, as críticas que as/os professoras/professores colocavam de como era o certo a fazer bailava na minha cabeça num sonho que talvez, apenas numa escola própria e tendo uma equipe muito boa, que gostasse de ser Professoras/Professores pudesse erguer meu sonho, de como eu via a Educação.

Penso que sempre fui crítico ao pensar nas/nos minhas/meus colegas dando aula ou até mesmo administrando uma escola. Olhava para o grupo de pessoas que havia nos congressos, como era a relação delas/deles com o curso de Pedagogia. Uns contagiantes, outras/outros nem tanto e alguns não deveriam estar ali, representando o futuro profissional que estava estudando para ser.

Quando começamos o período de estágio, já não era mais o mesmo do início da faculdade. Vivia estressado, chorando, querendo terminar com tudo aquilo. Meus cabelos caindo, pele manchada, noite mal dormida, tudo isso em decorrência de um estresse mental, psicológico, que levou a muitos pensamentos de desistência do curso. Isso só não aconteceu graças às colegas de curso, que sempre arrumavam ânimo e disposição para levar-me até o final: Auricélia, Andréa e Ana Keyla, essas foram guerreiras; fora meu irmão, que com seu ânimo sempre dizia palavras de conforto.

Resumindo a obra dessa primeira etapa no curso, a disciplina “Políticas Educacionais” matou-me completamente. Nessa disciplina pude estudar o que a política faz para que o sistema educacional não funcione e porque não quer vê-la funcionar. Não culpo nenhuma/nenhum professora/professor, ao contrário, elas/eles me fizeram abrir os olhos, a enxergar e buscar alternativas para poder melhorar um pouco. Mas com diz o ditado: “remar contra a maré é morrer na praia”.

Fiquei tão decepcionado com a Educação que não consegui ler ou escrever nada para assim fazer a monografia e fechar esse ciclo. Tudo o que lia me dava uma angústia que acabava deixando de lado. E assim foram uma, duas, três vezes e passaram-se cinco anos, já entrando em jubilo e não conseguia realizar meu sonho de ser um Pedagogo. O Luis que entrou na faculdade já não era mais o mesmo, não tinha mais cabelos, seus doces e famosos cachos haviam se transformado em uma calvície antecipada, de ombros caídos e olhar depressivo, continuava a caminhar, um dia após o outro e agradecendo por mais uma noite vivo e assim se passavam os dias.

Na escola, fazia por onde acreditar ainda nos meus sonhos de fazer alguma mudança, apesar de colegas e meu irmão sempre falar para deixar aquilo de mão e partir para outro ambiente e ver outras realidades, pois trabalhar naquele local, com as mesmas pessoas, estava me levando a um abismo. Já não tinha coragem nem de viver, mas persistia por ainda estar vivo.

Mesmo com todas as conversas com meu irmão e todos os conselhos, ele sempre dizia que iria deixar de falar, pois brigar não adiantava nada. Eu sempre dizia que iria mudar, que iria fazer diferente, para ele não desistir de mim, pois ele é a única pessoa que sabe da minha vida por trás da cortina.

Conversando com a coordenadora do curso de pedagogia da época, Profa. Dra. Karla Bianca, contei toda minha situação, ela tentou resolver e chegou com a seguinte conclusão: que eu deveria prestar ENEM novamente, para adentrar como novo aluno, aproveitar o currículo anterior e assim fazer e defender a monografia. E assim o fiz. Não posso esquecer-me de mencionar que há uma semana atrás, se tivesse ido falar com ela, teria entrado na chamada SiSu 2017.2.

Com essa conversa esclarecedora com a Professora Dra. Karla assim aconteceu. Fiz o ENEM, consegui fazer uma prova regular, apesar de não ter estudado nada, e na primeira chamada do Sisu 2018.1 fui convocado. Com muita alegria lá iria eu fazer a matrícula, porém não deu muito certo conforme o planejado. Nesse período a Profa. Dra. Karla estava de licença maternidade, a coordenadora que estava no cargo não sabia da minha situação, tentei argumentar, mas não dei uma boa explicação. Assim assinei a uma declaração abrindo mão do primeiro curso de pedagogia, mas podendo ainda aproveitar todas as disciplinas que faziam parte da nova grade curricular.

Nesse ano, após muito esforço de colegas, consegui sair da escola onde passei 10 anos e ir para outra, com uma nova roupagem, considerada escola de excelência pela Secretaria Municipal de Educação. Na escola em que passei 10 anos não posso deixar de ser grato por todas as oportunidades que tive de fazer aquilo que acreditava. Trabalhei em quase todos os setores, os dois únicos que ainda faltavam era a biblioteca e sala de recursos.

No novo local de trabalho fui designado a tentar dar uma nova roupagem a biblioteca, foi um novo desafio. Tentei colocar a pouca leitura que tinha sobre esse espaço, levar as ideias a gestão e assim poder desenvolver um bom trabalho. Nesse novo local pude fazer todas as comparações com o serviço antigo. O diretor e a

vice-diretora sempre estavam presentes na escola, marcando pesado tanto com as/os funcionárias/funcionários como com as/os alunas/alunos. Muitas vezes fui questionado, mas achava aquele trabalho certo, pois funcionário público já tem a fama de ser preguiçoso e não trabalhar. A direção fazia tudo por onde para não deixar a engrenagem parar.

Nesse um ano de trabalho na biblioteca, puxe tentar fazer com que toda minha experiência com os livros e a leitura pudesse fazer parte desse ambiente. Apresentei minha proposta à direção, mas pude observar que tudo era muito bom, mas não tinha recursos financeiros. Também observei que os livros literários para as/os estudantes eram poucos, o que muitas vezes não davam para dar a uma turma toda, pois as obras não contemplavam o mesmo estilo para classes com mais de 35 estudantes.

Dentro disso, muitas coisas que havia planejado não iria dar certo, mas tentei organizar as obras por ano/serie; colocar em lugares adequados para que as/os estudantes pudesse ter acesso sem ajuda de um adulto. Sempre mexia na dinâmica das cadeiras para que o ambiente pudesse permanecer vivo, tentamos dar fim em “livros mortos” que sua leitura já estava arcaica.

Com o novo trabalho, também tive que me matricular nas disciplinas do primeiro período de Pedagogia. No primeiro dia de aula tive a emoção de ter aula de metodologia com a Profa. Dra. Mariléia com todo seu arcabouço teórico. Fico impressionado como ela consegue armazenar tantas informações precisas, datas, nomes e páginas entre outras e assim ir costurando a aula. Esse mérito não é só dela mais também de outras/outros professoras/professores que tive na universidade.

Com o início desse ciclo, procurei a Professora Dra. Herli para me orientar nessa nova etapa e fazer com sucesso a monografia para fechar esse ciclo que persistia em está aberto. Ela me recebeu com um caloroso abraço e assim contei toda a situação e ao final ouvi: “não vou desistir de você.”, e assim estamos galgando o fechamento.

Com essa experiência na biblioteca reacendeu em mim o gosto pela leitura e estou voltando a criar novamente o hábito de ler, de forma lenta e às vezes cansativa, mais é um degrau de cada vez e estou vencendo isso. Também me interessei pelo local aonde pude reviver bons momentos da minha infância e adolescência e voltar novamente a sonhar, com futuro que ainda poderia escrever.

Assim cursei todas as disciplinas que faltavam para completar a grade curricular desse novo projeto pedagógico ligado a minha nova entrada, ao qual o curso estava inserido. E no ano de 2020 está sendo de grandes decisões em minha vida e de reviravolta das pessoas que estão em meu entorno.

Depois de muita luta resolvi procurar ajuda psicológica, desde que não falasse de deus ou algo divino. Fui procurando pessoas que indicassem alguém, até que com ajuda de um amigo encontrei uma profissional que se encaixou no meu perfil e assim começamos as sessões. Abri todas as feridas que ainda ardiam sobre mim, falei de tudo sem ter vergonha do que viria depois, claro que a partir da segunda sessão, pois a primeira foi para observar o comportamento dela frente ao básico de minhas aflições, angústias e vividez da vida.

Nas análises psicológicas pude enfrentar tudo aquilo que já sabia, mas não queria acreditar. Nos medos, nas aflições, nas angústias de não ter conseguido fazer o que sempre planejei, na timidez por causa do preconceito e discriminação da família, trabalho e sociedade em geral. Nos sentimentos mais negativos e dilaceradores que a humanidade faz com seus semelhantes. Tudo isso era uma enorme tempestade na minha mente e que desencadeou em várias depressões ou como conhecemos no singular: depressão.

Graça as sessões, aos amigos, professoras/professores e ao meu irmão, estou vivendo outro momento, sonhando, planejando e fazendo coisas que já tinha perdido o prazer de viver. Estou voltando ao meu viver: lendo, escrevendo, falando o que penso e correndo atrás, mas jamais esquecendo que não posso ir “contra a maré”, que devo caminhar mais ao longo da praia, encontrar uma boa maré e mergulhar no que o mundo ainda tem a me oferecer.

Com isso estou escrevendo minha monografia com ajuda de uma colega e nas grandes colaborações de minha orientadora, uma pessoa que admiro pela sua garra e determinação em mostrar o outro lado bom da vida, com seus afagosos abraços e palavras de carinho. Estarei fechando mais um ciclo da vida, ciclo esse que está demorando, mas vai fechar para assim abrir outros.

Não posso esquecer de mencionar das/dos grandes professoras/professores que tive na UFMA. Cada um com seu jeito, sua forma de falar, suas experiências de vida, suas linhas de raciocínio e daquilo que estudaram e defendem cada uma/um dentro dos seus olhares singular: Professor MSc. Batista, linda vida do curso; Professora Dra. Herli com toda sua magia e diversidade; Professor Dr. Almada com

seu jeito divertido e história de vida (que sempre perguntar por mim, buscando saber se estava escrevendo alguma coisa para monografia); Professora Dra. Tereza com suas adoráveis dramatizações dos livros; Professora Dra. Mariléia e sua magia em desvendar as histórias ocultas; Professora MSc. Heloisa, pequena notável e sua grande fala a respeito de educação democrática; A Professora Dra. Karla Bianca com sua fala doce e meiga sempre nos cobrando para sermos mais. Não posso esquecer das/dos professoras/professores que tive pouco contato: Profa. Ana Paula, Prof. Cleumir, Prof. Dr. Jefferson, Profa. MSc. Dijan, Prof. Dr. Erivânio; Profa. Dra. Maria Aparecida, Profa. MSc. Raquel e Prof. MSc. Vicente.

Espero não ter exagerado, juro que tentei resumir, mesmo faltado muitos detalhes, mas isso que escrevo é o básico, pois voltando a viver, o amor pela Educação acendeu novamente, tudo balanceado para não exagerar, vou continuar traçando meu caminho com a Educação, mesmo buscando outras fontes financeiras. Mas a cada dia buscando novas aventuras através dos livros, escrita, amigos e mestres.

Criar novamente o hábito da leitura esta sendo essencial para sonhar. Escrever está me fazendo exercitar todos meus planos futuros. Estar numa biblioteca, mesmo fechada nesse período de pandemia, faz com que eu acredite que a pessoas só muda se tiver uma perspectiva de mundo. Quero contribuir com as/os estudantes mostrando o mundo mágico de ler, de descobrir, de esclarecer coisas que ficam ocultas nas entrelinhas da história. Como dizia um lema de Monteiro Lobato: “Um país se faz com homens e livros” faço uma alteração nesse dilema: “Um país se faz com humanos e livros”.

Com isso encerro esse memorial que me arremessou ao passado abrindo feridas que não estão curadas, mas estão sendo tratadas para poder abrir outras, não de tristeza, mas sim de vitórias. Com isso me disperso dessa longa e aventureira escrita. Espero ter contribuindo um pouco com minha história, e deixo uma reflexão: “você sempre pode ajudar alguém, mesmo sendo de forma indireta”.

E fechando as cortinas, mas o espetáculo da vida jamais pode parar, pois como diz o compositor Gonzaguinha: “Viver e não ter a vergonha de ser feliz / Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz / [...] Eu sei, eu sei / Que a vida devia ser bem melhor e será / Mas isso não impede que eu repita / É bonita, é bonita e é bonita.”.

2. CONCEITUANDO BIBLIOTECA

Gutenberg em 1455 foi o inventor da imprensa, permitindo dessa maneira que as camadas sociais menos favorecidas tivessem acesso à informação. Nesse período, a informação, ainda em formato impresso, passou a ser considerado um dos maiores veículos de comunicação. A partir de então, as bibliotecas surgiram como importantes espaços de disseminação da informação e se mantêm vivo até os dias atuais.

Para Macedo (2005) a biblioteca é considerada um dos mais antigos sistemas de informação existentes na história da humanidade, sendo considerado polo de irradiação cultural de grande significação. A biblioteca passa então a ser fundamental não só para disseminação da informação, mas, sobretudo, sendo geradora do conhecimento.

Segundo Silva (2009, p. 63), "[...] biblioteca é o lugar onde se guardam os livros; 'estante' ou coleção pública ou privada de livros e documentos congêneres organizada para estudo, leitura ou consulta; ou edifício ou recinto onde se instala essa coleção".

A biblioteca é um espaço composto de acervos riquíssimos que desde são consultados, passam a contribuir para a construção de novos saberes. Espaços com estas características também podem ser conceituados como biblioteca tradicional:

Aquela onde a maioria dos itens do seu acervo é constituída de documentos em papel. Ela existe desde a invenção da escrita. É claro que, antes do advento da imprensa, em 1440, o seu acervo era formado por outros tipos de materiais [...] uma característica da biblioteca tradicional é que tanto a coleção como o seu catálogo utilizam o papel como suporte de registro da informação. Todavia, no final do século XIX, houve uma grande revolução na biblioteca com a introdução do catálogo em fichas e o abandono do catálogo sob a forma de livro (SILVA, 2009, p. 159).

Mesmo com todas as mudanças e modernizações que a biblioteca tem passado, é oportuno frisar que ela, independente de sua característica física é um suporte indispensável para o desenvolvimento e a formação intelectual da humanidade. Portanto, a biblioteca é um veículo de comunicação, cultura e conhecimento, como também uma fonte segura de informação.

2.1 Biblioteca escolar

A biblioteca escolar é uma fonte reprodutora de cultura, informação e conhecimento que coloca à disposição da/do aluna/aluno um ambiente adequado à formação e desenvolvimento do hábito de leitura e pesquisa, e oferece a/ao professora/professor o material necessário para a realização dos trabalhos escolares. Na sociedade contemporânea, a biblioteca escolar por ser espaço de conhecimento em abundância, precisa ser ágil, dinâmica e funcional para atender a real necessidade da programação escolar, como bem destaca Macedo:

Nossas bibliotecas escolares necessitam de mudanças que as agilizem e que as integrem ao processo pedagógico. Infelizmente, as decisões hierárquicas, de cima para baixo, nem sempre vêm ao encontro das necessidades da sociedade (MACEDO, 2005, p. 49).

Pensar em biblioteca escolar é refletir sobre a função social da escola que é de transmitir o conhecimento historicamente acumulado. É pensar na educação que é a base para a vida na sociedade, e na/no educadora/educador que por meio do processo de aprendizagem promove o crescimento e a evolução da/do aluna/aluno, forma as novas gerações para a vida na sociedade e participa cotidianamente do desenvolvimento da cidade, da região, e conseqüentemente do país.

A educação é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses. Por consequência, educação é formação (Bildung) do homem pela sociedade, ou seja, o processo pelo qual a sociedade atua constantemente sobre o desenvolvimento do ser humano no intento de integrá-lo no modo de ser social vigente e de conduzi-lo a aceitar e buscar os fins coletivos (PINTO, 1993, p. 29-30).

Refletir sobre educação enquanto processo de formação para vida na sociedade é pensar na dinâmica cada vez mais integrada da sociedade contemporânea, conhecida como a sociedade do conhecimento e da informação. Isso nos leva a estimar sobre as possibilidades de comunicação e informações que são ampliadas e intensificadas velozmente através das tecnologias e das oportunidades educacionais, bem como o aumento dos números de escolas e investimentos na educação básica. Nesse contexto, é importante frisar que a/o

aluna/aluno que consulta a biblioteca escolar, necessita de um profissional qualificado para lhe proporcionar o acesso à informação.

Portanto, a biblioteca escolar é uma instituição de serviço que tem o objetivo de auxiliar a aprendizagem atendendo a necessidade de informação de seus usuários, proporcionando a/a aluna/aluno e a/a professora/professor o acesso a um acervo que contribui para a ampliação do conhecimento através de valiosas fontes informacionais como: livros, revistas especializadas, computadores para consulta online, recursos de multimídia, vídeos, entre outros. Nela é perceptível a complexidade do mundo contemporâneo, sendo possível investigar conteúdos interessantes, buscar novos conhecimentos e escolher entre as diversas alternativas de leitura. A biblioteca escolar é:

Uma instituição de serviço – suas funções são de apoio aos objetivos da escola, sem diferir delas; além disso, proporciona material para todos os temas e para todos os interesses dos professores e alunos e sua utilidade aumenta à medida que esses aprendem a usá-la e a utilizar seus serviços com o fim de trabalhar e distrair-se (MACEDO, 2005, p. 23).

A biblioteca escolar é indispensável no apoio pedagógico e cultural, por disponibilizar os recursos bibliográficos visando atender a necessidade social, educativa e cultural da comunidade: alunas/alunos, professoras/professores, e técnicos; é um componente essencial entre professora/professor e aluna/aluno na realização do trabalho educativo, e um espaço onde é disponibilizado um acervo para aprendizagem, cultura, estudo e pesquisa. A biblioteca escolar também é percebida como sendo:

Um espaço em que os alunos encontram material para completar sua aprendizagem e desenvolver sua criatividade, imaginação e senso crítico; é um centro ativo da aprendizagem, portanto precisa ser vista como um núcleo ligado ao esforço pedagógico dos professores e não como um apêndice das escolas. A biblioteca escolar deve trabalhar com os professores e não apenas para eles. É na biblioteca que podem reconhecer a complexidade do mundo que os rodeia, descobrir seus próprios gostos, investigar aquilo que os interessa, adquirir conhecimentos novos, escolher livremente sua leitura preferida e sonhar com mundos imaginários (SILVA, 2009, p. 120).

Nesse universo escolar, a biblioteca é um ambiente que proporciona oportunidade para aperfeiçoar a aprendizagem, desenvolver a imaginação e o senso

crítico, e deve funcionar como um núcleo vinculado ao trabalho pedagógico das/dos professoras/professores e não ser vista como apenas um espaço para realização de atividades extraclasse, mas como uma biblioteca extremamente funcional.

Uma biblioteca funcional é aquela que desempenha uma função específica dentro da programação escolar, é um ambiente cheio de motivações é o local por excelência onde a criança e a/o jovem aprendem a gostar de ler, a se expressar. A ação dinâmica da biblioteca deverá servir ao programa escolar, a partir desta compreensão é que surge a necessidade de atividades em grupos, tais como: dramatizações, jogos, hora do conto, entre outras atividades, onde a biblioteca escolar passa a ser compreendida como:

Um centro ativo de aprendizagem e nunca deve ser vista como mero apêndice das unidades escolares, mas como núcleo ligado ao pedagógico. A bibliotecária trabalha com os educadores e não apenas para eles ou deles isolados. Integrada a comunidade escolar. A biblioteca proporcionará ao seu público leitor uma convivência harmoniosa com o mundo das ideias e da informação (FRAGOSO, 2002, p. 124).

Neste sentido, a biblioteca é um organismo vivo, um espaço que se abre para o acesso à informação, proporcionando ao usuário uma participação reflexiva e apresentando oportunidades para o mesmo se transformar num usuário ativo. Ela fomenta a motivação, o crescimento e a evolução da/do aluna/aluno mediante sua organização que permite o acesso fácil e imediato às fontes de informação, além de proporcionar um ambiente adequado à pesquisa.

Desse modo, a biblioteca passa a ser indispensável no processo de desenvolvimento educativo.

É preciso que na escola exista uma biblioteca como parte integrante dela, em que haja suficiente quantidade de livros, a fim de que possam ser utilizados como material para o ensino. Da mesma maneira que em uma classe de química é absolutamente indispensável um laboratório, em uma escola deve haver, pelas mesmas razões, uma biblioteca, onde se possam realizar, de uma maneira prática, todas as reações e análises - digamos assim - dos meios materiais dos estudos que são dados ao menino. As Bibliotecas Escolares são lugares de trabalho, estudo e investigações (RIGOLETO; GIORGI, 2009, p. 224).

Essas bibliotecas são espaços de estudo, investigação, trabalho, pesquisa, contribuindo dessa maneira para a construção do conhecimento e o desenvolvimento intelectual da/do aluna/aluno.

A biblioteca escolar ativa é um órgão dinâmico, ágil e aberto ao usuário, que não limita o trabalho propagador de informações, mas estimula o acesso a seus serviços. Assim sendo, ela passa a ser um elemento indispensável para o processo de aprendizagem, pois tem função de auxiliar as atividades da escola fornecendo os suportes necessários as/aos alunas/alunos e professoras/professores contribuindo para o desenvolvimento do gosto pela leitura. A biblioteca escolar possui os seguintes objetivos:

- a) Ampliar conhecimentos, visto ser uma fonte cultural;
- b) Colocar à disposição dos alunos um ambiente que favoreça a formação e desenvolvimento de hábito de leitura e pesquisa;
- c) Oferecer aos professores o material necessário à implantação de seus trabalhos e ao enriquecimento de seus currículos escolares;
- d) Colaborar no processo educativo, oferecendo modalidades de recursos, quanto à complementação do ensino-aprendizado, dentro dos princípios exigidos pela moderna pedagogia;
- e) Proporcionar aos professores e alunos condições de constante atualização de conhecimentos, em todas as áreas do saber;
- f) Conscientizar os alunos de que a biblioteca é uma fonte segura e atualizada de informações;
- g) Estimular nos alunos o hábito de frequência a outras bibliotecas em busca de informação e/ou lazer;
- h) Integrar-se com outras bibliotecas, proporcionando: intercâmbios culturais, recreativos e de informações (SILVA, 2009, p. 117).

Estes objetivos mostram que a biblioteca é um ambiente de fundamental importância para o desenvolvimento intelectual da/do aluna/aluno, é uma fonte de cultura e de informações seguras.

O papel que cabe à biblioteca escolar e, por extensão, ao profissional que nela atua, é o de estimular, coordenar e organizar o processo de leitura para que, por meio dela, a criança/adolescente/jovem aumente seus conhecimentos, sua capacidade crítica e reflexiva que lhe permitam atuar melhor na sociedade. Está superado o conceito tradicional de que a biblioteca escolar seja um depósito de livros doados pelo Governo ou por particulares para complementar o programa de estudos. Sua função agora é a de ser um centro de informação e cultura (MACEDO, 2005, p. 163).

Compete à biblioteca e ao profissional que nela atua estimular o gosto pela leitura no usuário para que ela/ele possa adquirir novos conhecimentos, desenvolver sua capacidade de refletir sobre as questões do mundo e atuar melhor na sociedade.

Na sociedade contemporânea as transformações sociais e o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação estão presentes no sistema educacional. Atualmente o fluxo de informação é imenso e contínuo, e neste contexto a biblioteca tem como encargos resgatar, tratar, organizar e disponibilizar a informação em diversos suportes seja em formato impresso ou digital.

Na sociedade da informação, na qual a velocidade do desenvolvimento das tecnologias da informação tem afetado diversos campos do conhecimento e, em particular, a educação, causando mudanças contínuas. Os profissionais da educação, inclusive o bibliotecário escolar, confrontam-se com novas perspectivas de ensino geradas pelo fenômeno da Internet, que constitui um novo recurso didático-pedagógico a ser utilizado no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, principalmente porque os educandos já não se contentam mais com os tradicionais métodos pedagógicos utilizados nas práticas escolares (PINHEIRO, 2009, p. 16).

As tecnologias estão cada vez mais indispensáveis em nossas vidas, tendo influência direta nas relações culturais, educacionais, sociais e profissionais que estabelecem na contemporaneidade.

O avanço veloz dessas tecnologias atinge os mais variados campos dos conhecimentos e, especialmente, a educação, gerando mudanças significativas, com novas perspectivas de ensino, além da internet que, sem dúvida, é um recurso didático-pedagógico utilizado pelos profissionais da educação (entre estes profissionais encontra-se a/o profissional da biblioteca) que alia os tradicionais recursos pedagógicos utilizados nas bibliotecas escolares com as tecnologias da informação. Essas tecnologias ampliam as possibilidades de aprendizagem da/do aluna/aluno.

Diante do exposto a/o profissional que atua na biblioteca (trabalhando em conjunto com a/o professora/professor) utiliza os novos recursos informacionais na perspectiva de estimular e incentivar a leitura para melhor compreensão dos assuntos trabalhados no cotidiano escolar. Nesse contexto é oportuno enfatizar que:

[...] o homem sempre teve a preocupação de preservar o seu conhecimento e que, ao longo do tempo, diversos suportes foram utilizados com a finalidade de armazenar as ideias, desde a pedra, o pergaminho, o papel, até o computador. [...] devido a essas mudanças de suporte da escrita, facilitou-se cada vez mais a forma da leitura, ampliando-se, assim, o acesso ao conhecimento (PINHEIRO, 2009, p. 10-11).

A humanidade sempre teve o cuidado de preservar e transmitir para as novas gerações o seu conhecimento, ao longo dos séculos diversos recursos foram utilizados com o objetivo de armazenar as ideias, desde a idade da pedra até os dias atuais com a informática que é amplamente utilizada facilitando o acesso ao conhecimento e à informação.

Portanto, as tecnologias e seus recursos informacionais são indispensáveis no meio social e educacional, pois têm influência direta nas relações culturais, educacionais, sociais e profissionais que se estabelecem na sociedade. Desse modo, na chamada sociedade da informação e do conhecimento a biblioteca escolar é sem dúvida um espaço que deve utilizar as tecnologias necessárias para intensificar e facilitar o acesso ao saber.

As bibliotecas escolares brasileiras, desde a instalação dos primeiros colégios, não passaram por muitas mudanças positivas. A falta de recursos financeiros, informacionais e humanos, de estrutura física e de interesse do governo, fazem parte da triste realidade das bibliotecas. Nesse sentido, Silva (2009, p. 2) afirma que a “[...] situação em que a biblioteca escolar se encontra, é reflexo da falta de medidas governamentais e de um total desconhecimento da sua função”.

No Brasil, a tradição pedagógica limitou, ao livro didático e a/o professora/professor, o ensino e a transmissão de conhecimento no ambiente escolar.

Por esse motivo, a biblioteca escolar parece não fazer muita diferença no processo de aprendizagem, e desde que surgiu não teve muito investimento.

Além da inexistência concreta da biblioteca escolar na maioria das nossas escolas, o seu funcionamento, quando ela existe, é caracterizado por vários problemas ligados à precariedade dos recursos materiais (verbas, espaço, etc.), à desqualificação dos profissionais, à pobreza do acervo, entre os mais evidentes (SILVA, 2006, p. 83).

A atual situação das bibliotecas escolares, principalmente das escolas da rede pública, é complexa e demanda maior conscientização e investimentos por apresentar carência de recursos humanos e materiais.

A maioria funciona com o trabalho de professoras/professores readaptadas/readaptados, que não possuem conhecimento específico para administrar uma biblioteca e lidar com as/os usuárias/usuários. Muitas vezes, a biblioteca escolar é vista apenas como um local de punições e/ou cópia de trechos de livros. Isso demonstra que um dos maiores problemas da biblioteca escolar pode se relacionar à falta de um profissional qualificado: a/o bibliotecária/bibliotecário.

3. LEITURA

Quando se fala em “leitura” pensa-se automaticamente em leitura verbal, este é o tipo que será tratado, mas não se deve ignorar de que “todos lêem o tempo todo” (MORAES, 2013, p. 145). Isto ocorre por existirem vários tipos de linguagem, o que resulta, nos vários tipos de leitura. Vídeos, figuras, sons e outros, também transmitem informações e estas informações chegam ao sujeito pela leitura que ela/ele faz de tais recursos, além, é claro, da leitura de mundo que todos fazem, voluntária ou involuntariamente, a vida inteira.

Apesar de existirem várias linguagens e leituras, o foco estará no conceito voltando para o signo verbal escrito, pois preparar pessoas para realizar esta ação com eficiência é um trabalho desafiador.

Segundo o dicionário MICHAELIS (2020, não p.) leitura é: 1- ação ou efeito de ler; 2- arte de ler; 3- aquilo que se lê.

O mesmo dicionário define o ato de ler como: 1- conhecer e interpretar por meio da leitura; 2- conhecer as letras do alfabeto e saber juntá-las em palavras; 3- pronunciar ou recitar em voz alta o que está escrito (MICHAELIS, 2020).

Caldin (2003, p. 47) diz que “[...] a leitura ultrapassa o passar de olhos por algo, mas vai além do visualizar, aventurando-se no desconhecido para uma plena compreensão do sentido das coisas.” Mais adiante a autora continua sua definição afirmando que “a leitura se configura como um meio de aquisição do que se passa ao redor do homem, portanto é um ato social e, como tal, uma questão pública”. No mesmo sentido Zafalon explica que, muitas vezes,

[...] define-se a leitura a partir de uma perspectiva individual, sendo considerado de um período determinado de escolarização. Logo, ler não é inato ao ser humano, e essa circunstância – a de consistir em habilidade adquirida – denuncia, de imediato, a natureza social daquela atividade (ZAFALON, 2008, p. 13).

Acrescenta ainda três fatores dos quais o exercício da leitura depende:

- um sistema – o da escrita
- um processo – o da alfabetização

- Um conjunto de valores – o que postula a importância de a pessoa dominar o código escrito, distinguindo as que o fazem das que ainda não foram capacitadas a tanto.

Para Freire (1982, p. 11) a leitura é um processo que “[...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”.

Balça (2006) afirma que a leitura é um ato de natureza profundamente privada, através do qual se estabelece uma relação de diálogo íntimo e ativo entre o texto e leitor.

Existem inúmeras definições de leitura, mas estas são suficientes para uma reflexão sobre o verdadeiro propósito da leitura e o que esta ação, em primeira instância simples pode mover.

O ato de ler envolve muito mais do que a decodificação de símbolos. Transformar símbolos em sons conhecidos é só uma fase para realizar de forma completa esta ação. Após o domínio desta fase há de se entender realmente o que uma frase inteira quer dizer e assim compreender o que o conjunto de frases e de parágrafos querem falar. Esse atendimento será somado ao conhecimento de mundo da/do leitora/leitor e assim ela/ele interpretará e formará uma opinião sobre o que se lê.

3.1 Para que saber ler?

O termo cultura compreende todas as ações do homem sobre a natureza onde a sua dimensão cultural se alia a social para que ele, em consciência com seus valores morais e éticos, produza, reproduza ou altere as suas realidades e estruturas físicas e mentais. Entretanto, a eficácia de tais procedimentos está condicionada ao volume de informações que ele possui ou vier a ter acesso (LIMA, 2011, p. 2).

Visto que o volume de informações que uma/um indivíduo/indivíduo possui é fator condicional para que ela/ele participe plenamente da sociedade em que vive, saber ler é também fator condicional para tal ação, pois, a maioria das informações verdadeiras e completas estão escritas.

A Tabela 1 revela que a taxa de analfabetismo vem diminuindo. No ano de 1991, o analfabetismo atingia 20,18% da população, em 2018 este índice diminuiu para 6,8%.

Percebe-se que o analfabetismo vem diminuindo, apesar de praticamente está instável, ainda é um número muito alto, pois 6,8% se referem a 11,3 milhões de pessoas que são prejudicadas pela falta de conhecimento, assim, não exercem plenamente sua cidadania, desconhecem direitos, deveres e também a possibilidade de ascensão social por meio do estudo. A falta de educação e informação torna-os incapazes de agir conscientemente em prol de sua própria melhoria de vida.

TABELA 1 – TAXA DE ANALFABETISMO DE PESSOAS DE 15 ANOS OU MAIS DE IDADE – BRASIL

Taxa de analfabetismo de pessoas de 15 anos ou mais de idade - Brasil	
1991	20,18%
2000	13,60%
2002	11,8%
2009	9,7%
2012	8,7%
2014	8,3%
2017	7%
2018	6,8%

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) 2018.

Quanto ao analfabetismo funcional, Lima (2014, p. 74) esclarece que:

Uma pessoa funcional analfabeta é aquela que não pode participar de todas as atividades nas quais a alfabetização é requerida para uma atuação eficaz em seu grupo e comunidade, e que lhe permitem, também, continuar usando a leitura, a escrita e o cálculo a serviço de seu próprio desenvolvimento e do desenvolvimento da sua comunidade.

O analfabeto funcional tem a capacidade de decifrar códigos e de entender sentenças curtas. Não possui as habilidades de entender, interpretar ou criticar textos, médios ou longos. Ou seja, tendo como base as definições de leitura expostas no início, o analfabeto funcional também não é um leitor no seu sentido amplo. Apesar de estar um pouco à frente do analfabeto total ainda não tem capacidade de participar e usufruir de todas as atividades sociais disponíveis.

Os números aumentam quando se trata de analfabetos funcionais. O que era alarmante, considerando somente os analfabetos totais, piora neste caso, conforme a Tabela 2.

TABELA 2 – TAXA DE ANALFABETISMO FUNCIONAL DAS PESSOAS DE 15 ANOS OU MAIS DE IDADE, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES – 2018

Taxa de analfabetismo funcional das pessoas de 15 anos ou mais de idade						
	1992	2002	2009	2011	2015	2018
Brasil	36,9%	26%	20,3%	20,4%	23%	22%
Norte	33,2%	24,7%	23,1%	25,3%	*	*
Nordeste	55,2%	40,8%	30,8%	30,9%	*	*
Sudeste	29,4%	19,6%	15,2%	14,9%	*	*
Sul	28,9%	19,7%	15,5%	15,7%	*	*
Centro-Oeste	33,8%	23,8%	18,5%	18,2%	*	*

Fonte: Síntese de Indicadores Sociais 2018

** Dados não encontrados para esse período.

A Tabela 2 compara os anos 1992 e 2018: no ano de 1992, 36,9% da população brasileira era analfabeta funcional, e em 2018 essa taxa caiu para 22%. Esta última porcentagem significa 33 milhões de brasileiras/brasileiros prejudicadas/prejudicados em seu desenvolvimento profissional.

A Tabela 3 exibe dados referentes à média do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) brasileiro e de suas grandes regiões. Segundo informações retiradas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o IDH é adotado desde 1990 pelo Programa das Nações Unidas (PNUD) para calcular a qualidade de vida em regiões ou países, levando em conta a renda, longevidade e educação.

TABELA 3 – IDH BRASIL – GRANDES REGIÕES

IDH Brasil – Grandes Regiões					
Discriminação	Ano				
	2005	2007	2010	2016	2019
Brasil	0,794	0,816	0,699	0,776	0,761
Região Sul	0,829	0,850	*	0,754	*
Região Sudeste	0,824	0,847	*	0,766	*
Região Centro-Oeste	0,815	0,838	*	0,757	*
Região Norte	0,764	0,786	*	0,667	*
Região Nordeste	0,720	0,749	*	0,663	*

Fonte: IBGE 2020

** Dados não encontrados para esse período.

É evidente que as regiões Norte e Nordeste são as que enfrentam maiores problemas sociais. Estas duas regiões possuem o IDH abaixo da média nacional, enquanto as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste se encontram acima da média nacional.

A Tabela 4 expõe a disparidade entre o Produto Interno Bruto (PIB) da região sudeste e demais regiões.

Segundo informações retiradas do sítio web IBGE (2017), o PIB é um indicador que mede a produção de um país, levando em conta, principalmente, agropecuário, indústria e serviços.

TABELA 4 – PIB POR REGIÕES DO BRASIL

PIB por regiões do Brasil		
Ano 2017	Região	PIB em R\$ mil (2017)
1	Sudeste	3.480.767.000
2	Sul	1.121.718.000
3	Nordeste	953.213.000
4	Centro-Oeste	659.759.000.
5	Norte	367.862.000

Fonte: IBGE 2018

Os índices das Tabelas 3 e 4 evidenciam a superioridade das regiões Sul e Sudeste, no que se refere ao desenvolvimento social. Isto explica os altos índices de analfabetismo que atingem algumas regiões, exibidos na Tabela 2. Os dados também deixam claro a necessidade de bens materiais e investimentos para a formação da/do leitora/leitor.

A/O leitora/leitor é, querendo ou não, um ser diferenciado dentro de uma sociedade em que existem tantos analfabetos. Ela/Ele é capaz de pensar e agir conscientemente em questões que envolvam sua vida, de sua família e da sociedade, além de estar atento aos possíveis benefícios advindo do conhecimento adquirido, o que o fará busca-lo cada vez mais.

A pessoa que está apta a ler e a entender o que está escrito também pode atender questões que envolvam a sociedade e de participar de decisões necessárias com consciência, podendo perceber erro ou má intenção de quem detém o poder, propondo e cobrando mudanças. Estará apto a opinar e atuar em questões políticas, econômicas, sociais e culturais. “A consciência do caráter político do ato de ler é importante para que o sujeito tenha uma atitude emancipada frente ao texto, entendendo-o como produto e não como verdade” (FERNANDES, 2013, p. 27). Além dos pontos citados como justificativa para o fim do analfabetismo, como participar da política ou se preparar para a concorrência do mercado de trabalho, não se pode esquecer que a leitura é uma necessidade básica para se viver em sociedade.

Para se locomover é preciso ler endereços, placas de ônibus, de trânsito, de supermercado, entre outros, e muitas pessoas não são capazes de o fazerem, dependentes até na hora de sair de casa, pegar um ônibus ou fazer compras, vivendo alienado em uma política capitalista, que passa por cima de valores humanos e ambientes aumentando cada vez mais as desigualdades entre classes sociais, tudo por conta de um objetivo final, o lucro.

Ser leitora/leitor, portanto, é pré-requisito para se exercer a plena cidadania, pois conscientemente só poderá cobrar todos os seus direitos e exercer seus deveres. Enquanto poucos detiverem o conhecimento os direitos de equidades nunca serão alcançados realmente.

A leitura é uma prática que capacita pessoas para a busca por mudanças conscientes e com seus frutos serão possíveis de resolver problemas mais rapidamente, pois, sujeitos capazes de ler, entender e formar opinião sobre algo são capazes também de produzir novos conhecimentos, contribuindo para a evolução da sociedade. “Educação não transforma o mundo; Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” (FREIRE, 1996).

3.2 O que ler?

Sempre se fala em ler por prazer. Ler não é sempre tão divertido. Há diversos textos e de leituras que devem aparecer na vida do sujeito de acordo com sua faixa etária e seu grau de instrução.

A leitura como atividade de lazer é muito importante, contudo nem toda leitura é prazerosa. A leitura difícil e cansativa é necessária em certos momentos, mas há de saber o momento certo para cada tipo. Apresentar um texto científico a uma criança que está aprendendo a ler as primeiras palavras só vai distanciá-la do pleno aprendizado.

A seleção dos materiais deve levar em conta as necessidades e interesses dos alunos e contemplar a diversidade textual presente nos diferentes eventos da vida em sociedade e atividades sociais significativas e compartilhadas (FERNANDES, 2013, p. 284).

Aliar leitura a temas de interesse da/do aprendiz é importante no sentido de chamar a atenção das pessoas, aguçando a curiosidade pelo que está escrito.

A partir do desenvolvimento da capacidade de leitura por meio de textos prazerosos o sujeito se torna capaz, gradualmente, de ler e entender outros textos, que não possuem tantos elementos atrativos, mas que possuem informações importantes para a continuação de sua formação.

A variação de suportes e categorias de texto é interessante para que se tenha conhecimento de sua existência e capacidade de diferenciá-la. Exemplos: textos jornalísticos, científicos, publicitários, crônicas, bulas, parlendas, adivinhas, cantigas e trava-línguas em suportes como livros, revistas, jornais, periódicos, gibis e outros.

Não se deve esquecer que a biblioteca precisa acompanhar o avanço das tecnologias de informação. Novos suportes de informação foram criados e devem ser utilizados pelos usuários. Microlerning¹, comunicação por vídeos, celulares, ambientes virtuais ou simuladores online são alguns exemplos, não podendo esquecer que a internet é algo essencial para a movimentação desses utilitários, que permite a leitura hipertextual e interativa.

A existência de uma boa coleção vai depender muito do trabalho conjunto de professores e bibliotecários na definição de um fio condutor, representado pela política de desenvolvimento de acervo, que cria e mantém sua coesão interna. Isso proporcionará o oferecimento de um acervo rico, variado e atraente, e afinado com a proposta pedagógica da escola (BALÇA, 2006, p. 213).

Segundo informações do sítio web www.alfaebeto.org.br (©2020), os estágios de desenvolvimento da leitura para indivíduos que tem a alfabetização iniciada quando crianças são:

➤ **De 2 a 6 anos – Pré-leitura**

Nessa fase ocorre o desenvolvimento da linguagem oral. Desenvolve-se a percepção e o relacionamento entre imagens e palavras: som e ritmo.

Leitura recomendada: livros de gravuras, rimas infantis, cenas individualizadas.

¹ O *microlerning* consiste na fragmentação de um conteúdo educativo para que ele seja mais facilmente assimilado pela/pelo estudante. Com a mesma finalidade, também é possível variar as ferramentas e os meios de transmissão. O *microlerning* é ideal para o formato digital, seja na exposição de um conteúdo ou para revisar conceitos explorados durante a aula, através de vídeos, jogos, animação entre outros.

➤ **De 6 a 8 anos – Leitura compreensiva**

A criança adquire a capacidade de ler textos curtos. Leitura silábica e de palavras. As ilustrações dos livros – que são extremamente necessárias – facilitam a associação entre o que é lido e o pensamento a que o texto remete.

Leitura recomendada: aventuras no ambiente próximo, família, escola, comunidade, histórias de animais, fantasias, problemas.

➤ **De 8 a 11 anos – Leitura interpretativa**

Aqui ocorre o desenvolvimento da leitura propriamente dita. O pré-adolescente já tem capacidade de ler e compreender textos curtos e de leitura fácil com menor dependência da ilustração. Orientação para o mundo da fantasia.

Leitura recomendada: contos fantásticos, contos de fadas, folclore, histórias de humor, animismo.

➤ **De 11 a 13 anos – Leitura informativa ou factual**

Se tudo estiver bem e as outras etapas tiverem sido trabalhadas corretamente, aqui já existe a capacidade de ler textos mais extensos e complexos quanto à ideia, estrutura e linguagem. Começa uma pequena introdução à leitura crítica.

Leitura recomendada: aventuras sensacionalistas, detetives, fantasmas, ficção científica, temas da atualidade, histórias de amor.

➤ **De 13 a 15 anos – Leitura crítica**

Aqui já vemos uma maior capacidade de assimilar ideias, confrontá-las com sua própria experiência e reelabora-las, em confronto com o material de leitura.

Leitura recomendada: aventuras intelectualizadas, narrativas de viagens, conflitos sociais, crônicas, contos.

As etapas serão cumpridas de acordo com cada indivíduo, cabendo as/os professoras/professores e profissionais da biblioteca incentivarem a leitura, entendendo e respeitando o ritmo de cada um.

Os livros devem ser introduzidos na vida da criança, de acordo com seu nível de compreensão do mundo, seu nível de elaboração de pensamentos e sua experiência anterior. Isto significa que o livro “ideal” para a criança é aquele em que ela encontra tanto elementos que ela já reconhece quanto alguns elementos novos, a partir dos quais ela possa alargar seus horizontes e enriquecer suas experiências de vida (ARAÚJO, 2015, p. 34).

4. A IMPORTÂNCIA DO HÁBITO DA LEITURA: LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Tendo como cenário um país com baixos índices de leitura faz-se necessário tentar compreender a razão de tal fracasso.

Através de análises efetuadas em vários países a respeito da aquisição da prática de leitura, mencionadas por Failla (2016, p. 34), “observou-se diferenças gritantes quanto ao interesse pela leitura”. Tais análises conferiram enormes contrastes a quatro elementos decisivos: a colocação dos livros na escala de maior valia no país; a bagagem cultural; as hipóteses de leitura (este em questão destaca a precisão das escolas, suas bibliotecas, como também as bibliotecas públicas que há em cada cidade do país que irá exercer um papel essencial); o alto valor do livro relacionado a questões socioeconômicas, e o papel que os livros desempenham na construção de uma/um sujeita/sujeito que será uma/um futura/futuro leitora/leitor crítica-reflexiva/crítico-reflexivo.

Teremos como referência a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” que teve sua 4ª edição realizada em 2015 e lançada em 2016, nela notou-se que “há no Brasil 105,3 milhões de leitores, ou seja, 56% da população – 10,1 milhões a mais do que em 2007, quando 55% dos brasileiros se diziam leitores”.

Após uma possível reflexão anteriormente sobre o valor dos livros condizente com o aspecto socioeconômico da maior parte das famílias brasileiras, será o preço do livro o que lhes impede o acesso às obras?

A pesquisa aponta que não. O preço fica em 5º lugar como razão para se ler menos do que se lia antes, com 7% dos entrevistados. A falta de interesse fica em segundo lugar, com 9% e a falta de tempo em primeiro, com 43%. Também foi apontado que o livro tem hoje uma série de concorrentes – 73% das pessoas preferem assistir TV em seu tempo livre e 60% ou música ou rádio. A opção pela leitura aparece em 10º plano com 24%. A boa notícia é que o Brasil em comparação com outros países da América Latina (México, Chile e Colômbia) fica em primeiro lugar na faixa etária de 22 a 30 anos. Dados esses coletados em pesquisas similares a RLB (Retratos da Leitura no Brasil). Um dado muito importante é que as mulheres continuam lendo mais do que os homens (59% das mulheres são leitoras), mas os homens vêm reduzindo essa diferença (52% deles são leitores; eram 44% em 2011). O índice de leitura por prazer também diminuiu em 2015: é de 42% contra 47% em 2011. A média de livros lidos em casa aumentou: de 34, em 2011, para 40, em

2015. Crescimento de 54%. (RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL, 2016).

Os resultados atingidos revelaram que ainda existem mais questionamentos do que soluções: como acordar no jovem aquele apreço pela leitura? Quais atitudes são verdadeiramente efetivas na mediação da leitura nas/nos alunas/alunos do ensino fundamental?

Desde muito tempo a leitura foi classificada, apenas, como um canal de propagação de um comunicado importante. Hoje, ler significa um processo mental de vários níveis, o que contribui e muito para o desenvolvimento intelectual, profissional e social do ser humano.

A imprescindibilidade da leitura deve ser reconhecida socialmente, pois a vida individual, social e cultural de um sujeito, se dá devido à aquisição do hábito de leitura desde a infância até a fase final do seu desenvolvimento, pois desenvolve as potencialidades intelectuais de cada um, o de aprender, desenvolver e progredir. “O ato de Ler não nasce com o indivíduo, assim como as outras funções vitais. Este ato precisa ser ensinado e aprendido, e neste processo a/o professora/professor é a/o mediadora/mediador” (CARRASCO, 2016, p. 47).

Segundo Failla (2016, p. 36), o ato de ler é beneficiado de uma variedade de opções. “O leitor não responde simplesmente aos estímulos do meio, e sim desenvolve estratégias para trabalhar com o texto de tal maneira que seja possível compreendê-lo”.

O hábito da leitura é importante na vida intelectual, profissional e social das pessoas, e a leitura, é um instrumento essencial para o aprendizado satisfatório e significativo, pois é por meio dele que se abrem novos horizontes e torna-se possível entender e aprofundar conhecimentos sobre o mundo, até mesmo atuar nele como cidadã/cidadão de direito.

A/O leitora/leitor, durante o seu ensino fundamental, pode ser apenas uma/um aprendiz se não apreciar as maravilhas oferecidas no ato de ler, nunca ganhará autonomia e perderá a oportunidade de ser transformada/transformado pelo hábito e pelo prazer que a leitura proporciona.

A palavra escrita é a principal ferramenta para compreender o mundo em que os sujeitos estão inseridos. A grandeza do texto consiste em dar a possibilidade de

refletir e interpretar a sociedade, o mundo em que se vive da maneira em que se acreditar estar certo.

O livro é o ponto de partida para o desenvolvimento da leitura, assim, se estudou a importância da leitura e as dificuldades que foram encontradas ao tentar incluir a leitura no cotidiano das/dos jovens que estão no ensino fundamental.

Kleiman (1993, p. 16) evidenciou que a leitura foi aplicada pelas/pelos educadoras/educadores em sala de aula, e como foi vista pelas/pelos educandas/educandos do ensino fundamental: “A leitura é vista pelo corpo discente como algo “massacrante”, imposta pelos mestres.” Isso aconteceu porque ela foi aplicada de um modo incorreto desde as séries/anos iniciais.

As escolas usaram excessivamente os livros didáticos, em que o texto era apenas um grupo de componentes gramaticais, os quais foram trabalhados separadamente, de forma desconexa, ou seja, retirou-se a mensagem do texto por meio da assimilação e da compreensão de cada palavra, uma por uma.

Verdadeiramente, a essência do texto manifesta-se da associação entre seus componentes, um elemento isolado não tem significação, pois elas estão todas unidas, e essa união é que exprimiu a questão total do texto, ou seja, cada palavra tem seu valor que somada a outras formarão o significado da frase ou do texto em questão.

Outro erro lastimável na leitura é fazer um interrogatório a respeito do texto que foi lido, em que as respostas constem explícitas no texto, sem qualquer interpretação. Além de fazer com que a/o aluna/aluno exerça essas tarefas automaticamente, sem usar a imaginação, o conhecimento de mundo e o raciocínio, é também uma negligência para com a/o autora/autor, afinal, o texto é criado para que as/os leitoras/leitores viagem para um mundo fictício use de sua imaginação e criatividade, transportem-se para um mundo utópico, ou até mesmo, em alguns casos usem suas próprias experiências vivenciadas.

Para que o processo da leitura seja efetuado as/os alunas/alunos de ensino fundamental, de fato, primeiramente a/o educadora/educador deve apresentar textos com temas interessantes as/ao sujeitas-leitoras/sujeitos-leitores, temas polêmicos, atuais e que de algum modo desperte o interesse das/dos alunas/alunos, ou seja, a curiosidade delas/deles, logo após a/o sujeita-leitora/sujeito-leitor dever-se-á perguntar por qual finalidade está lendo, ou seja, qual seu objetivo ao efetuar determinada leitura, só assim sua leitura terá sentido.

Conforme Geraldi (2011, p. 72) declarou, “[...] a característica básica ante o texto é o objetivo do leitor, ou seja, o leitor deve extrair do texto uma informação. Sabendo fazer isso, já é um grande passo para que o leitor comece a ter o gosto pela leitura”. Em alguns casos, ler se tornou uma agonia, uma vez que a falta de conhecimento sobre o tema discutido, tornou-se um problema para a/o jovem. Nas escolas, por exemplo, muitas vezes, não houve estímulo à leitura. “Na sala de aula, os textos são fragmentos descontextualizados”, como afirma Buarque (2016, p. 43), geralmente retirados do livro didático, que regia a aula.

Os textos foram utilizados como argumento para a prática de atividades contínuas, como questões que trabalhassem a gramática. Desse modo, os fragmentos de textos lidos pouco acrescentavam de importante à vida da/do leitora/leitor.

Assim, é indiscutível a importância do tema em questão, pois está diretamente relacionado com a formação da/do sujeita/sujeito, de sua personalidade, seu caráter, e intelecto. Por isso, evidenciou-se que o ato de ler é a urgência em que o ser humano se dispõe frente ao mundo, em frente ao outro, fortalecendo, por meio do entendimento, da análise e da escrita, suas habilidades críticas.

Segundo Freire (1988, p. 21) “[...] a importância do ato de ler, que implica sempre a percepção crítica, interpretação e reescrita do lido [...]”. É na interação com a leitura, sendo esta uma ferramenta de aprendizado e crítica, mas também de distração e diversão, que a/o leitora/leitor relaxa, aprende e se desenvolve continuamente.

Essas leituras comprovaram pelo fato de que, somente através da leitura, o ser humano se constrói como sujeito ativo e crítico, estabelecendo condições para refletir sobre vários aspectos e formular opiniões sobre vários assuntos.

Esse entendimento propôs a ideia de que a formação de jovens leitoras/leitores competentes se constitui por meio do contato com diversos textos, relacionando os dados textuais com seu conhecimento prévio, de modo a interagirem com a leitura e, ao mesmo tempo com seu conhecimento adquirido.

Entretanto, para Ceccantini (2016, p. 87) “é possível que o leitor não consiga ler um texto que, embora escrito numa língua que ele domina, trate de um assunto sobre o qual ele não tem informações”. No entanto nota-se que quando a/o leitora/leitor não consegue captar o sentido do texto lido, tudo dificulta.

Ficou evidenciado que este foi uma das maiores barreiras encontradas pelas/pelos indivíduos/individuos que não realizam esta atividade frequentemente. Todavia, para esquivar-se de circunstâncias análogas, foi relevante tornar o hábito da leitura mais e mais constante, visto que é a partir do ato da leitura que fortalece o raciocínio, como também a aprendizagem.

Tudo depende da forma que foi visto, analisado e entendido o que estava sendo lido. Cada pessoa compreende de seu modo, ou seja, que cabe a seu entendimento, tudo depende de seu pensamento, cultura e conhecimento prévio em relação ao tema que foi lido, cada sujeita-leitora/sujeito-leitor tem autonomia de pensamento durante a leitura, seja para apoiar a/o autora/autor ou para desaprovar, tudo se reflete no ato da leitura.

Ao ler um texto, muitas vezes por preguiça, pratica-se uma leitura de forma superficial e, com isso, não se entende o que está contido implicitamente nas entrelinhas do texto.

Não acrescentamos ao ato de ler algo mais de nós além do gosto mecânico de decifrar os sinais. Sobretudo se esses sinais não se ligam de imediato a uma experiência, uma fantasia uma necessidade nossa. Reagimos assim ao que não nos interessa no momento (LAJOLO, 2011, p. 171).

Além de tudo isso que foi destacado, se a/o sujeita/sujeito leu, sem determinar sua finalidade, evidentemente o entendimento será insuficiente, visto que é a finalidade que dará rumo à leitura. Assim, “[...] se o sujeito ler o texto, pensando apenas em achar respostas a perguntas que serão feitas posteriormente, certamente só se estará atendendo as expectativas da escola”, conforme destaca ainda Lajolo (2016, p. 122).

Deste modo, acreditou-se que a compreensão da leitura se deu em uma atividade que envolvia a união do velho com o novo. Para Fernandes (2013, p. 49) “[...] essa conexão se deu a fim de desenvolver no aluno-leitor a habilidade de deduzir complementarmente com a averiguação e confiabilidade das informações antecipadas, visando à apreensão dos processamentos de forma a constituir o leitor maduro”.

A leitura é uma condição para dar voz ao ser humano, além de prepará-lo para torná-lo sujeito ao ato de ler. O ato de ler é um processo mental complexo e descontínuo que exige tempo e concentração.

Os conteúdos apresentados em turmas do ensino fundamental, assim como também a leitura, surgirem gradativamente na vida da/do estudante, na medida em que ela/ele é inserido no contexto de símbolos que fazem parte de seu dia a dia.

Assim, é na escola que esses conceitos devem ser reforçados, principalmente pela/pelo educadora/educador, cujo papel é fazer com que a leitura seja um hábito diário na vida das/dos alunas/alunos, de forma a tornar-se uma atitude natural do indivíduo. Kleiman alertou a/o educadora/educador:

[...] a leitura se baseia no desejo e no prazer, não em uma atividade desagradável visando à decifração de palavras, que leva o aluno a caracterizar o ato de ler como difícil demais, inacessível, não fazendo sentido para o mesmo. Afinal, o sujeito concebe a leitura como um objeto de aprendizagem, que faça sentido a ele (KLEIMAN, 2000, p. 15).

Necessitava, pois, segundo Geraldi (2011, p. 110) “[...] resgatar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio: o prazer de ler sem ter que apresentar ao professor e à escola o resultado desse prazer, que é a própria leitura”. O ato de ler é efetuado para que sejam ampliados os limites do próprio conhecimento, de forma divertida e descontraída. Geraldi (2011, p. 60-61) assegurou que “[...] o professor não deve visar à cobrança da leitura, dado que o que se busca é desenvolver o gosto pela leitura e não a capacidade de análise literária”.

A avaliação da/do professora/professor deve ser em um aspecto qualitativo, e não quantitativo, deve-se contar a progressão da/do aluna/aluno em relação à determinada leitura e não a quantidade de livros que ela/ele lê em uma semana ou em um ano, por exemplo.

O papel da/do professora/professor, no que tange a leitura, faz-se principalmente em forma de estímulo, deixando com o que a/o aluna/aluno tenha liberdade de escolha e se sinta capaz de ler o que gosta o que lhe dá prazer de maneira que a/o aluna/aluno não se sinta pressionada/pressionado. Caso contrário, o desinteresse aloja-se.

Silva (1986, p. 84-85) diz que “[...] um dos motivos para tal desinteresse, pode estar na escolha realizada pelo professor, exigindo que todos da turma leiam o mesmo título, sem opção de escolha, geralmente clássicos da literatura”. Nessa escolha que beneficia apenas um lado, nem sempre o que agrada a/o

educadora/educador compatibiliza com o gosto da/do aluna/aluno. Silva (1986), afirma:

[...] é de competência do educador, entretanto, analisar a adequabilidade, o interesse e a motivação para a leitura. Assim, com tais critérios, assegura-se o sucesso do livro. Outras informações a respeito da obra ainda são relevantes; entre elas, o assunto abordado é adequado para a faixa etária e o nível de escolaridade, visto que não se deve ficar apenas com informações exteriores contidas no livro, mas saber e conhecer a melhor obra para a turma e até mesmo para a escola (SILVA, 1986 p. 86).

Para que o aprendizado da leitura no ensino fundamental forme jovens leitores é necessário que o papel da/do educadora/educador seja de mediadora/mediador do conhecimento. Por isso, para Geraldi (2011):

Não pode o professor usar a leitura para outros fins, como pretexto para desenvolver outra atividade: dramatizar uma narrativa, ilustrar uma estória, por exemplo. O tipo de leitura em que o intuito de ler por ler se faz gratuitamente, quebra tal paradigma tão alicerçado por professores no ensino fundamental (GERALDI, 2011 p. 26-27).

Nas palavras ditas por Geraldi (2011, p. 107), “[...] o professor é somente observador do diálogo do aluno com o texto”. Nesse processo, da/do aluna-leitora/aluno-leitor com o texto / autora/autor, a/o professora/professor é a/o expectadora/expectador, apenas vê efetivar-se o processo de leitura em sua/seu aluna/aluno, em algumas situações entram em cena e torna-se mediadora/mediador, que sana as dúvidas que surgiram e, ao mesmo tempo questiona ao longo do procedimento.

A/o aluna/aluno carece e deve ver tanto a/o educadora/educador, quanto o livro, uma referência em que possa buscar o conhecimento e sanar suas dúvidas. Os livros em vários momentos podem ajustar-se às experiências vividas da/do leitora/leitor.

A liberdade com que o aluno tem abordado os livros que lê decorre do não privilégio a um único sentido ao texto, mas aqueles sentidos que a experiência de mundo, de cada leitor, atribui ao livro que lê na produção de sua leitura. A qualidade (profundidade) do mergulho de um leitor num texto depende de seus mergulhos anteriores (GERALDI, 2011, p. 112).

A leitura escolar no ensino fundamental precisa de planejamento desprovido de autoritarismo e rico em soluções para as necessidades, inquietações e desejos de alunas-leitoras/alunos-leitores. É necessário comprometimento com o uso dos livros, favorecido pela ação da/do educadora/educador.

5. BIBLIOTECA ESCOLAR E FORMAÇÃO DE LEITORES

É na primeira infância que se formam os futuros leitores. Acreditando nesta premissa, justifica-se a importância de se desenvolver na criança desde o início da sua vida, no mágico mundo da leitura. Mundo este que despertará sua imaginação, sua criatividade, seu conhecimento, sua vontade de ler e conhecer o novo, isto é, buscar o conhecimento.

A biblioteca escolar tem papel fundamental para a realização da formação da/do leitora/leitor, pois é nela que se imagina a existência do ambiente apropriado e estimulador para o incentivo da leitura. Ao mandar as crianças para a escola, espera-se uma interação apropriada com o ambiente da biblioteca no processo de desenvolvimento da/do aluna/aluno. Pela natureza da função da biblioteca, imagina-se nela encontrar formas de mostrar as/os alunas/alunos ferramentas de conhecimento que as acompanhará por toda a sua vida.

Assim sendo, a biblioteca escolar deveria ser mais bem apresentada à comunidade escolar, em especial nas escolas para as classes trabalhadoras de baixa renda, afinal, as expectativas da sociedade com a biblioteca, extrapolam, inclusive as questões da leitura e formação do leitor. Segundo a literatura especializada sobre o tema,

[...] em se tratando das funções da biblioteca escolar, pode-se caracterizar como sendo uma função primeira o fator social, onde a comunidade participa do processo de alfabetização e da promoção do gosto pela leitura; o fator cultural, onde a sociedade transmite suas experiências através dos indivíduos; e o fator educacional, que se dá na seleção e produção dos materiais educativos, no embasamento teórico dos programas de estudo dos profissionais, na promoção do desenvolvimento integral do aluno e, também, quando conduz o corpo docente e discente no fazer uso da coleção existente como forma de contribuição no processo de aprendizagem (BERENBLUM, 2009, p. 15).

Quanto ao objetivo literário, a biblioteca escolar tem ainda como objetivos desenvolver habilidades artísticas, incentivar a leitura, proporcionar o prazer de ler, estimular a criatividade, dar apoio ao estudo e à pesquisa e usar os recursos disponíveis para a obtenção da informação/conhecimento.

Por um tempo atuando dentro de uma biblioteca, aprendi que o objetivo da biblioteca escolar é ampliar o conhecimento da comunidade escolar. A biblioteca,

por ser uma fonte cultural, deve oferecer as/os professoras/professores o material necessário para execução de seus trabalhos e ao enriquecimento de seus currículos escolares; deve também proporcionar as/os professoras/professores e alunas/alunos condições de constante atualização de conhecimentos, em todas as áreas do saber.

Outra atribuição de uma biblioteca é colocar à disposição das/dos alunas/alunos um ambiente que favoreça a formação e desenvolvimento de hábito de leitura e pesquisa.

É papel da biblioteca escolar colaborar no processo educativo, oferecendo modalidades de recursos, quanto à complementação do aprendizado, dentro dos princípios exigidos pela moderna pedagogia.

Em tempos de internet, cabe a integração com outras bibliotecas, proporcionando: intercâmbio cultural, recreativo e de informações. É tarefa pertinente à escola conscientizar as/os alunas/alunos de que a biblioteca é uma fonte segura e atualizada de informações; estimular nas/nos alunas/alunos o hábito de frequentar outras bibliotecas em busca de informação e/ou lazer.

A função da biblioteca, portanto vai além do compromisso de facilitar a aprendizagem, fornecendo o material bibliográfico adequado, tanto para o uso das/dos professoras/professores, como para o uso das/dos alunas/alunos, desenvolvendo nestes o gosto pela boa leitura.

5.1 A realidade das bibliotecas escolares

Apesar da importância que a biblioteca escolar possui para o desenvolvimento do intelecto da/do aluna/aluno, as bibliotecas escolares apresentam uma realidade bem distante do ideal, principalmente as bibliotecas escolares públicas onde a situação é mais alarmante e as condições de uso estão longe da literatura que relata a sua estrutura e funcionamento.

Existem escolas que possuem um espaço destinado para as bibliotecas, mas pela falta de investimento, de recursos e de profissionais da área, a biblioteca escolar não passa de um simples local abandonado sendo utilizado para outros fins.

Como afirma Silva (2003): de fato, quando existem nas escolas espaços denominados bibliotecas, estes não passam, na maioria dos casos, de verdadeiros depósitos de livros ou, o que é pior, de objetos de natureza variada, que não estão

sendo empregados no momento, seja por estarem danificados, seja por terem perdido na sua utilidade.

Ao visitar escolas, percebemos que muitas bibliotecas são substituídas por cantinhos ou espaços da leitura, as bibliotecas perderam seu espaço e verdadeira importância dos prédios escolares hoje em dia. Às vezes, a biblioteca é um armário trancado, situado numa sala de aula, aos quais as/os alunas/alunos só tem acesso se alguma/algum professora/professor se dispõe a abri-lo, quando a chave é localizada.

De modo geral as escolas com bibliotecas põem salas ou espaços mal adaptados, mal pintados e mal iluminados, não possuem nada de atrativos, além das prateleiras com difícil visualização e pouco acervo.

Uma realidade muito comum nas bibliotecas escolares é a composição dos acervos, muitos dos livros que se encontram a disposição, estão desatualizados, outros mostram uma realidade distante conhecida pelos alunos, o acervo é pobre em livros de literatura juvenil, e os poucos livros que existem às vezes são livros de clássicos da literatura internacional, esses livros são importantes, mas devem ter aspectos do ambiente onde vivem as crianças, não apenas livros que contemplam a cultura e os costumes de outros países. Grande parte do acervo encontra-se inadequado as necessidades informacionais dos alunos, revelando o precário sistema educacional (SILVA, 2006, p. 33).

Muitas bibliotecas escolares apresentam um acervo pobre em termos de suportes, geralmente os materiais de leitura só se encontram no formato impresso e geralmente não existem outros materiais que auxiliam nas atividades de leitura (BRASIL, 1998, p. 92).

Os recursos humanos que atuam nas bibliotecas escolares, não contribuem muito para desenvolver os objetivos da biblioteca. Muitos não têm uma preparação ou formação para atuar em locais onde se devem realizar atividades que interagem com as/os alunas/alunos junto com os livros e atividades recreativas para estimular o hábito de ler.

Devido à falta de um profissional qualificado para administrar a biblioteca escolar, a realidade encontrada é de uma/um professora/professor que se encontra em fase de aposentadoria, ou por questões de saúde, foi remanejada/remanejado da sala de aula para cuidar da biblioteca. Isso transmite uma imagem negativa porque revela o descompromisso com a função da biblioteca e, além do mais atesta

a falta de importância do especialista na função. Além disso, revela falta de respeito pela formação desse profissional que está atuando num ambiente que não faz parte da sua área de habilitação.

Do ponto de vista do profissional que opera as bibliotecas, a inexistência quase total de bibliotecários com formação é um dos grandes problemas. Essa questão se torna ainda mais grave com a ausência de concursos para o cargo, que em muitas redes sequer existe. A figura mais comum nesse espaço é a de professores readaptados, ou seja, desviados de função por problemas de saúde (BERENBLUM, 2009, p. 21).

Silva (2006) afirma que professoras/professores por motivo de doenças ou velhice é deslocada/deslocado para a biblioteca da escola, pois este é o melhor lugar para repouso e tranquilidade, até que chegue a hora de se aposentar da escola. Ora, considerar que a biblioteca é um lugar para abrigar a/o professora/professor fora das funções docentes, porque ali ela/ele descansa é desconhecer e desqualificar a função da biblioteca. E o mais grave que isso é recorrente. Para Silva (2006, p. 48):

[...] é notório o despreparo dos profissionais que atuam na biblioteca escolar, quase sempre professor em final de carreira, ou afastado de sala de aula por motivos variados; são profissionais nem sempre com formação a fim com a educação pela palavra (Letras, Ciência da Informação, comunicação etc.), que saibam atrair e manter leitores; A biblioteca escolar deveria ser o primeiro local onde as crianças teriam um contato agradável com os livros, isso iniciando desde cedo, ainda na fase de alfabetização, mas essa não é uma realidade comum, geralmente são locais muitos frios e sombrios para as crianças, onde elas são impostas a manter um bom comportamento, devem estar sempre em silêncio e não desorganizar o acervo, esses são uns dos problemas que dificultam os caminhos para leitura de forma natural.

As/os alunas/alunos quando frequentam a biblioteca e se deparam com aquela/aquele professora/professor que apresenta uma postura tradicional de obediência de regras, ficam constrangidas/constrangidos de utilizar os livros para ler, apresentam certo receio e se afastam de vez da biblioteca e, talvez dos livros. Essa é uma realidade comum, lamentavelmente.

No imaginário das/dos alunas/alunos, a biblioteca é mais associada a um espaço de castigo do que prazer, pois a imagem que sempre temos da/do profissional que atua numa biblioteca escolar é de uma senhora idosa, com um

óculos na ponta do nariz, com uma expressão no rosto de rigidez e que fica constantemente solicitando silêncio para todas/todos.

Segundo Silva (2006). As normas e proibições (principalmente de ficar em silêncio) inibem a presença das/dos alunas/alunos, claro que não é certo desobedecer a certas normas de comportamento, mas para o público infantil não é fácil colocar para eles de início essas regras e proibições, pois as crianças possuem muita energia para se divertir e a biblioteca escolar também deve ser vista assim. Para Bastos, Pacífico e Romão (2011, p. 623):

Entendemos a necessidade do silêncio dentro da biblioteca, não apenas na escola, mas na maioria das bibliotecas que conhecemos, vem se configurando como um problema para integração e aproximação dos leitores alunos com a unidade de informação, posto que acreditamos que a imposição do silêncio atrapalha muito a relação do sujeito-leitor com a informação, com livros e a pesquisa.

Algumas escolas quando possuem uma biblioteca escolar com um bom acervo, guardam os livros como se fossem “verdadeiros tesouros”, nos quais jamais devem ser tocados e alguns livros ainda são guardados em armários com chave. De nada adianta ter um excelente acervo e não poder ser utilizado, isso é um desperdício de recursos e um grande desprezo para com as/os alunas/alunos, e assim as bibliotecas escolares não conseguem realizar sua maior função que é de democratizar a leitura.

Desse modo, à biblioteca é vista como um museu, como afirma Cagliari (2005) alguns diretores transformam as bibliotecas em museus que as/os alunas/alunos vão visitar uma vez por ano, quando, ao contrário, a biblioteca de uma escola tem que ser a mais dinâmica possível, pois é de fato um complemento necessário, indispensável à formação das/dos alunas/alunos, tanto quanto as aulas e as/os professoras/professores.

Algo que marca muito a biblioteca na escola é a falta de um horário disponível para as/os alunas/alunos frequentem a biblioteca, enquanto espaço de leitura. Geralmente na escola o único horário que as crianças e as/os adolescentes têm é o recreio, que é destinado para os lanches e brincadeiras. Muito raramente há projetos que, durante o tempo horário letivo, oferecem atividades de leitura ou similares, o que seria extremamente interessante para a formação de leitores.

Uns dos grandes obstáculos que dificultam a presença das/dos alunas/alunos na biblioteca é o uso das fotocópias tiradas de livros. Como sabemos, as/os alunas/alunos são orientadas/orientados a fazer cópias reprográficas para ler, em vez de ir à biblioteca fazer sua pesquisa e estudar. Assim como coloca Silva (2003, p. 58) “[...] a proliferação das apostilas e das cópias reprográficas - popularizadas ‘xerox’ - muitas vezes dispensam a visita à biblioteca salvo se nela existir alguma máquina copiadora”.

5.2 Sobre as condições ideais para uma biblioteca escolar

O ideal de cada escola é que tenham um local próprio para armazenarem os livros e que tenham suportes impressos que fazem com que as/os alunas/alunos tenham experiências da leitura em um espaço privilegiado como a biblioteca. Ter uma biblioteca bem organizada, construída e reformada para acolher livros e leitoras/leitores é o primeiro estímulo para a leitura e a formação de uma/um boa/bom leitora/leitor.

Através de experiências de quase dois anos em biblioteca escolar, de pesquisar sobre o tema e visitas para conhecer e que se tornou também um lazer, aprendi que para ter uma boa biblioteca escolar é importante ter um bom espaço e uma boa estrutura mobiliária. Foi essa experiência que despertou a curiosidade para aprender mais sobre esse importante ambiente de formação. Conhecer as regras e modo de organização de uma biblioteca é muito importante para quem se interessa por livros.

É importante que uma biblioteca seja seca e arejada, para evitar danificação das obras, que seja bem iluminada, pois paredes e tetos claros facilitam a difusão da luz. Sempre que possível, manter portas e janelas abertas, para o ar desse ambiente circular. Utilizar a iluminação natural, desde que os raios solares não atinjam os livros diretamente.

As estantes devem ficar longe de portas e janelas, para evitar chuva, sol, vento, elas devem ser abertas – vazadas, para garantir a ventilação, devem ficar a pelo menos, 30 centímetros do chão, para evitar umidade, garantir a ventilação e facilitar a limpeza do piso. É importante que a altura das prateleiras destinadas aos livros infantis seja proporcional à altura das/dos alunas/alunos, facilitando o acesso. Se possível, manter as estantes longe das paredes, para evitar mofo e umidade.

A organização do espaço para a leitura é importante para que as/os leitoras/leitores sintam-se acolhidas/acolhidos. O espaço para as/os leitoras/leitores de diferentes idades precisam de cadeiras e mesas para estudos individuais, mesas redondas para estudos em grupo e também para aquelas/aqueles que só querem apreciar um bom livro.

A composição e a organização do acervo devem ser diversificadas para diferentes idades e diversos gêneros textuais.

Na biblioteca escolar é necessário que sejam colocados à disposição dos alunos textos dos mais variados gêneros, respeitados os seus portadores: livros, revistas (infantis, em quadrinhos, de palavras cruzadas e outros jogos) almanaques, revistas de literatura de cordel, textos gravados em áudio e em vídeo, entre outros. Além dos materiais impressos que se pode adquirir no mercado, também aqueles que são produzidos pelos alunos__ produtos dos mais variados projetos de estudo__ podem compor o acervo da biblioteca escolar: coletâneas de contos, trava língua, piadas, brincadeiras e jogos infantis, livros de narrativos ficcionais, dossiês sobre assuntos específico, diário de viagens, revistas, jornais etc (MACEDO, 2005, p. 232).

Quanto maior diversidade de títulos disponíveis no acervo, maior a ampliação do universo de referência da/do leitora/leitor.

5.3 Biblioteca escolar: quem é o profissional?

A/O bibliotecária/bibliotecário é visto como um elemento que executa tarefas meramente técnicas e a sua formação pedagógica, cultural e social é deixada de lado.

Bibliotecários recebem alunos sem orientação para os trabalhos de pesquisa e se revoltam com o que costumam chamar “de falta de orientação dos professores”, que, por sua vez, alienam completamente a biblioteca do contexto educação, como se o bibliotecário não fizesse parte do trabalho educativo (SLEUTJES, 2009, p. 13).

É necessário que haja entrosamento entre professoras/professores, bibliotecárias/bibliotecários e/ou responsáveis para que se realize um trabalho de cooperação e participação, visando à melhoria do processo de aprendizagem.

Além de ser insignificante o número de profissionais formado em biblioteconomia e ainda mais efetivos existentes na Rede Pública de Ensino, nas escolas que não há profissionais qualificados, a/o professora/professor agregada/agregado ou readaptada/readaptado pode responder pela biblioteca, ou na ausência desses elementos, outras/outros funcionárias/funcionários podem prestar atendimento as/os usuárias/usuários, desde que tenham o mínimo de condições para realizar o trabalho que lhe foi atribuído.

Aprender as funções próprias do atendimento numa biblioteca não é difícil e aconteceu comigo, ao passar mais de dois anos trabalhando na biblioteca escolar das Escolas Municipais “Madalena de Canossa” e “Eliza Nunes” da cidade de Imperatriz-MA.

Ao longo dessa experiência aprendi, a desempenhar todo trabalho; sobre o funcionamento, estrutura, e funções de cada indivíduo que contribui para uma biblioteca ser bem estruturada e rica, e capaz de gerar um ambiente influenciador ao hábito da leitura.

Segundo Silva (2009), o profissional que atuar nesse espaço deve gostar de ler. Convém mais do que isso, precisa ter uma paixão pessoal pela literatura, além de ter bom senso na organização e disposição dos livros dentro do espaço da biblioteca, de modo que o acesso seja facilitado ou “descomplicado”.

É importante ter em mente que a promoção e a orientação da leitura, em qualquer contexto, são motivadas através do exemplo e do depoimento de práticas vivenciadas. A socialização do valor da leitura é impossível de ser realizada por alguém que não goste de ler.

A/O responsável pela biblioteca precisa dispor livros para as/os alunas/alunos e propor literatura, sugerindo obras. Ao interagir de forma motivacional, a/o profissional vai abrindo novos campos de interesses para as/os leitoras/leitores e isso só ocorre com a/o responsável que possui um amplo repertório de leituras realizadas.

Na biblioteca escolar da escola “Madalena de Canossa”, conseguíamos fazer um trabalho bem organizado e lucrativo para ambos: professora/professor, escola, aluna/aluno e funcionárias/funcionários.

Como servidor há alguns anos e responsável pela biblioteca, apurei o gosto ainda mais pela leitura e livros. Isso contribuiu muito à minha formação como

cidadão leitor e foi através dessa experiência, que escolhi esse tema tão importante para ser estudado profundamente para minha conclusão de curso.

Com o gosto por livros e leitura, a biblioteca surgiu como principal influenciador para mim, assim pude ter um contato maior com os livros e descobrir um mundo mais amplo por gostos literários.

6. REFLEXÕES SOBRE LITERATURA INFANTIL E INFANTO JUVENIL

Para adquirir o hábito da leitura, é necessário despertar nas/nos alunas/alunos o gosto de praticar essa atividade. Ler é algo aparentemente trabalhoso até tornar-se um prazer. Portanto, é buscando despertar essa sensação prazerosa, que se recorre à literatura infantil e Infanto-juvenil, ela apresenta o mundo a partir de uma perspectiva lúdico-estética, tendo maior afinidade com a/o leitora/leitor infantil e adolescente, pois ela tem a capacidade de envolver a/o leitora/leitor por inteiro, apelando para suas emoções, fantasias e intelecto.

Ler é uma forma de ver o mundo, mas essa leitura ultrapassa os limites da visão física para se inscrever na ótica da fantasia. Com a lente da imaginação, a/o leitora/leitor viaja pelo mundo da leitura com direito à leitura de mundo. Neste sentido, quanto mais cedo a/o aluna/aluno tiver contato com os livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade dessas/desses tornar-se uma/um adulta/adulto leitora/leitor.

Segundo Fernandes (2013) ao seguir o percurso histórico das histórias infantis, deparamo-nos com que, em suas origens elas surgiram destinadas ao público adulto, e com o passar do tempo, transformou-se em literatura para os pequenos.

Dessa forma, a autora deixa transparecer que a literatura infantil nasceu da adaptação da literatura adulta, não contendo uma preocupação específica com as necessidades do público alvo. A seu ver, essa literatura surgiu no meio popular com intenção de transmitir valores ou padrões a serem respeitados. Todavia vale lembrar que, atualmente não tem só esses objetivos, também é usada para proporcionar uma nova versão da realidade, diversão e lazer.

A literatura infantil é uma combinação histórica entre o locutor ou um escritor-adulto e um destinatário-criança que, por definição, ao longo do período considerado, não dispõe senão de modo parcial da experiência do real e das estruturas linguísticas, intelectuais, afetivas e outras que caracterizam a idade adulta (FERNANDES, 2013, p. 14).

A autora argumenta que o livro é entendido como uma mensagem da/do autora-adulta/autor-adulto e a/o leitora/leitor, onde o ato de ler se transforma em um

ato de aprendizagem. E por expressar sentimentos humanos teve grande aceitação no meio social e, até hoje, vem encantando e emocionando pessoas.

As histórias infantis só apareceram em registros históricos como “Literatura Infantil” a partir do século XVII, pois antes disso não existia a chamada infância, adolescência e adulto, e assim tais sujeitos eram tratados como iguais.

Atualmente, cresce no país a preocupação com a formação de leitoras/leitores, e encontrou-se na literatura infantil e Infanto-juvenil um grande aliado nesse processo, pois esta auxilia no desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança e também da/do adolescente.

A maior parte desse público que frequentam a escola interage com textos escritos de forma mecânica e artificial, apenas lendo por ler, sem se envolver nas histórias. Para muitas delas o primeiro contato efetivo com um texto escrito se dá através do livro didático.

De acordo com Souza (2009) em países como o Canadá e Estados Unidos, por exemplo, muitas escolas já aboliram definitivamente os livros didáticos e utilizam os de literatura para ensinar os mais diferentes conteúdos, mas principalmente utilizam os textos literários para ensinar alunas/alunos a ler.

Dessa forma, a autora deixa claro o potencial da literatura em auxiliar o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança e do adolescente, podendo e devendo ser usadas nas escolas, não só com o intuito pedagógico, mas também na formação de leitoras/leitores.

Para Kleiman (2000) é importante que durante a formação escolar as/os alunas/alunos possa ouvir muitas histórias. Esse contato poderá desenvolver o gosto pela leitura, cabe destacar ainda que, não existe um caminho único ou uma receita para se formar uma/um leitora/leitor. O que existe são dicas para estimular esse processo até que se torne um hábito.

Para isso, acredita-se que recorrer à literatura infantil e Infanto-juvenil, é essencial para que de uma forma encantadora consiga mostrar as/os alunas/alunos como pode ser bom e agradável o ato da leitura.

Acredito que poderemos realmente levar muitas crianças e adolescentes a ampliar e educar seus olhares para a literatura, e para a arte, a se transformarem em leitores plurais, e conseqüentemente em cidadãos mais preparados para a vida em sociedade. (ROCHA, 2016, p. 67).

O autor, acima mencionado, afirma que confia no poder de transformação que a literatura tem, e que através dela pode levar muitas crianças a adquirirem o hábito da leitura e tornarem-se cidadãos/cidadãos mais preparadas/preparados para a vida.

A criança na educação infantil e ensino fundamental menor, conforme Valdez e Costa (2007) faz uma leitura sensorial (visão, tato, audição, olfato e paladar), que pode ocorrer desde muito cedo e continuar por toda a vida, não é uma leitura elaborada, mas é uma forma de atender as exigências que o mundo nos impõe, pois, é a partir dos sentidos, que não exige o conhecimento das letras.

Essa leitura, por meio dos sentidos, revela um prazer singular, que difere da/do adulta/adulto, segundo Arce e Martins (2007, p. 142) porque está “[...] relacionado com a sua disponibilidade (maior que a do adulto) e curiosidade (mais espontaneamente expressa)”, isso porque tanto a criança como a/o adolescente tem maior facilidade que a/o adulta/adulto para se entregar a um livro, não tem vergonha de expor o que sente, vê necessidade de “matar” sua curiosidade, explorar cada página à procura de um novo mundo que lhe apresente fantasias, emoções, magia.

Ao abrir as páginas coloridas de um livro, as cores despertam, na/no aluna/aluno, o encantamento, portanto, levam ao desejo de desvendar seus mistérios. A leitura, nesse caso, ocorre por meio dos sentidos, pois o livro, antes da leitura é um objeto, possui textura, cor, forma, cheiro em que a criança e o adolescente descobrem muitas vezes algo que para ela/ele ainda é inacessível. E, assim há um aumento da capacidade de comunicação com o mundo.

Num processo mais natural que projetado, literatura e escola foram se conectando. Por causa dessa relação, a escola está sendo entendida atualmente como o grande espaço de iniciação à vida. Daí a preocupação com a literatura para as novas gerações, pois nesse período também se deve iniciar o processo de incentivo a leitura.

Se, na escola, a literatura for apresentada de forma interessante, é possível que o contato com os livros, a partir da infância e nas outras fases, possa então fazer parte dos hábitos das/dos alunas/alunos, não apenas no ambiente escolar, mas também em casa, não como algo obrigatório, mas sim prazeroso. “O livro torna-se para a criança uma fonte de prazer, um objeto especial de emoções, curiosidades, descobertas tornando-se motivo maior para a alfabetização, onde se concretiza o ato de ler” (ARCE e MARTINS, 2007, p. 157).

Para o desenvolvimento da imaginação da criança e do adolescente, como dizem Valdez e Costa (2007, p. 13): “é essencial que ela possa viver a fantasia, a magia, o encantamento.” Nesse sentido, podemos entender que a/o aluna/aluno será assistida em todos os seus direitos, incluindo o de escutar e viver histórias apropriadas para sua idade.

Ouvir histórias interessantes faz com que a criança e a/o adolescente sinta prazer, emoção, aprenda a lidar com seus conflitos a partir do mundo que lhe é apresentado pelas histórias, “[...] esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas” (FERNANDES, 2013, p. 17).

Ler histórias para alguém, como diz Fernandes (2013), é sempre importante porque resulta algo prazeroso. Deve-se, para tanto, escolher a ocasião e o momento mais ideal. Pode ser em um momento de aconchego, durante o dia em um passeio, ou antes de dormir, é sempre uma alegria.

Para a criança e até mesmo a/o adolescente é sorrir, é viver as aventuras com os personagens, possibilitar que a imaginação se solte e torne esse momento de ouvir ou até mesmo ler histórias divertidas. Literatura serve para desenvolver a vontade de escutar mais, além de possibilitar o envolvimento das pessoas com alguém amada que lhe proporciona um momento rico de descobertas e emoções. “O ato de contar histórias consolida os laços afetivos de companheirismo e de amizade entre alunos, entre professores e alunos e pais e filhos” (MED, 2016, não p.).

O contar histórias existe desde os tempos mais remotos; sempre alguém tem algo para contar, para lembrar, pois, as pessoas têm a necessidade de se comunicar. Assim as mais diversas histórias sempre estiveram presentes nas sociedades (CULTURAMIX, 2020).

O ato de contar histórias não deve ser limitado apenas ao professor. A instituição escolar tem o papel de ampliar o acesso de livros aos alunos, mas os pais também devem ter o hábito de contar histórias a seus filhos, “num momento de aconchego, à noite, antes de dormir, a criança se preparando para um sono gostoso e reparador, e para um sonho rico, embalado por uma voz amada” (SILVA, 2009 p. 11).

A família deve estar presente nesse momento fantástico que a/o filha/filho vive a partir do instante em que ela/ele escuta o “Era uma vez...” – a criança e o adolescente pode compreender o real a partir do conto de fadas.

A criança é inocente e tem a facilidade de penetrar na história, vivendo o papel do personagem como se fosse ela mesma, muitas vezes lidando com problemas que ela vive realmente, em outras descobrindo as diferentes relações existentes. A literatura oferece elementos para a criança como o adolescente compreender e sentir importantes emoções como, raiva, tristeza, medo, irritação, alegria, a partir da imaginação (SILVA, 2009, p. 13).

O intuito de contar história, seja na escola ou fora dela, deve ser o de promover o encontro de pessoas, alunas/alunos, mães/pais/responsáveis e professoras/professores, compreendendo desta forma as diferentes relações que se estabelecem no mundo.

Nesse sentido, a utilização da história não deve ser apenas com o intuito de que crianças e adolescentes aprendam as boas maneiras ou para que se acalmem, mas proporcionar momentos em que a imaginação e a criatividade possam ser estimuladas, incentivando a leitura, permitindo que façam uso do livro, manuseando-o. Pequenas/Pequenos em contato com livros tendem a ser adultas/adultos leitoras/leitores, e a interação que estabelecem com a/o adulta/adulto é essencial.

Ah, como é importante para a formação de qualquer pessoa ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo (SILVA, 2009 p. 14).

Toda aluna/aluno do Ensino Fundamental deve ter contato com a literatura infantil e infanto-juvenil, mesmo que não esteja alfabetizada, para que, assim possa criar expectativas em relação à leitura e sentir a curiosidade de conhecer diferentes tipos de livros e leituras. É necessária que a escola possa fazer o papel de tornar o livro uma constante na vida das/dos alunas/alunos de pensar em formas prazerosas de promover esse contato, para que elas/eles possam cada vez mais desenvolver a criatividade e a imaginação (MARTINELLI, 2008). Como afirmam Soares (2006, p. 82):

[...] somente iremos formar leitores que gostem de ler e tenham uma relação prazerosa com a literatura se propiciarmos a elas/eles, desde muito cedo, um contato frequente e agradável com o objeto livro e com o ato de ouvir e contar histórias, em primeiro lugar e, após, com o conteúdo desse objeto, a história propriamente dita – com seus textos e ilustrações.

Concordamos com Fernandes (2013), ao afirmar que as histórias possibilitam que a/o aluna/aluno, na escola, possa descobrir sua identidade, resolver conflitos emocionais próprios, desenvolver seu caráter incorporando valores sociais e morais, envolvendo a magia com o concreto, com o que ela/ele vive em seu cotidiano.

A escola deve reconhecer na literatura infantil e Infanto-juvenil um meio de propiciar as/os alunas/alunos momentos em que possam enriquecer a imaginação, criar fantasias, sonhos, emocionarem-se com o mundo a sua volta. Ressaltamos que as/os professoras/professores precisam despertar nas crianças e adolescentes o desejo pela leitura e de uma forma que elas/eles possam perceber que o conhecimento científico pode estar atrelado à leitura prazerosa. O texto literário deve ser aproveitado e antes de tudo, bem escolhido.

E para que isso ocorra, é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encanto... Que saiba dar as pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada aluno em construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais... (MARTINELLI, 2008 p. 13).

É necessário também fazer com que as crianças e adolescentes soltem a imaginação deixando em aberto alguns detalhes da história para que cada uma possa construir seus personagens ou os lugares, interpretando de diferentes maneiras a mesma história. Pode-se ainda utilizar diversos tons de voz ou movimentos com o corpo durante a contação, para que ela possa compreender por esse meio os diferentes acontecimentos que há na história, a tristeza do personagem, a alegria, chorar ou gargalhar se for necessário, falar baixo se está com medo ou se há um segredo. Quem conta, mais do que qualquer outro, deve estar envolvido e apaixonado pela história. Dessa forma estará possibilitando que a criança e o adolescente desenvolva sua imaginação (VALDEZ e COSTA, 2007, p17).

A contação de histórias proporciona um aconchego ao leitor, e ela ou ele tende a se adaptar melhor aos ambientes ao mesmo tempo, em que sua imaginação está sendo desenvolvida e aguçada, além da observação, memória, reflexão e linguagem.

A leitura de diferentes tipos de histórias proporciona o conhecimento de novos lugares, linguagens, a existência de diferentes povos, costumes e culturas e uma maior diversidade no vocabulário. O leitor pode viajar pelo mundo inteiro, sujeitar-se a grandes perigos, lutar em batalhas com gigantes, ser um rei ou mesmo um palhaço de

circo, isso tudo sem sair de sua sala de aula ou de sua cama em casa. A leitura nos proporciona uma viagem a lugares inimagináveis, onde “a magia nos carrega no colo” e faz com que possamos viver momentos maravilhosos, que sem dúvida serão levados por uma vida inteira (KLEIMAN, 2000 p. 82).

A partir das opiniões e pontos de vista de diferentes autores chegamos à certeza de que não existe uma regra que diz quando e como devemos contar uma história, pois ela pode acontecer em qualquer momento, em qualquer lugar, quando necessário ou que seja a hora de ser contada.

Sendo assim, os instrumentos para essa contação também não precisam ser os mais caros e famosos. Não são necessários recursos sofisticados, podemos nos divertir e divertir quem nos ouve, inclusive com simples bolinhas de algodão em nossa mão, pois é a imaginação que faz com que tais bolinhas se transformem em lobo mau e ovelhas; é a imaginação de cada um que faz a história acontecer e ser a melhor história de todas.

As obras literárias apresentam um significado educativo, ou seja, pedagógico e político, não são somente um meio de transmissão de valores. Precisam ser interessantes e de fácil entendimento para estimular as/os alunas/alunos, contendo linguagem compreensiva, apresentando um fato ou uma história de maneira clara.

A literatura nos afeta, nos tira do lugar onde estávamos. E no caso da literatura infantil e Infanto-juvenil, essa propriedade se torna ainda mais relevante. A literatura não tem que ensinar nem dar lição de moral. Não tem que deixar clara a história ou os versos nem ser datada. A literatura não é linear, nem objetiva, nem tem data de vencimento; ela vai além do plano racional, está mais próxima do plano dos afetos, da subjetividade. Aquilo que fala dos nossos sentimentos, sensação e sonhos (MENEGASSI, 2011, p. 130).

A literatura infantil e Infanto-juvenil vem sendo remodelada com o passar do tempo, isto é, as histórias deixaram para trás os planos inteiramente moralistas dos contos de fada e atualmente é vista como se estivesse ligada aos sentimentos, sem conter um compromisso com o racional.

Dikson (2013, p. 09) compreende que “[...] qualquer outra forma de arte, é capaz de nos tornar pessoas melhores, não só intelectual, mas emocionalmente, porque desperta o que de melhor existe em nós”. O autor afirma que a literatura é como uma forma de arte que está diretamente ligada aos sentimentos humanos e por isso tem a capacidade de transformar as pessoas.

De acordo com a literatura, a infância é o melhor momento para iniciar o processo de estímulo à leitura, nesse período é importante motivar as crianças desde cedo a criar o hábito de ler por prazer. E utilizar como caminho a literatura infantil é fundamental devido a sua capacidade de envolver a/o leitora/leitor por inteiro, apelando para suas emoções e fantasias.

Ao tomar contato com qualquer obra chamada de literatura infantil, antes de qualquer coisa, deve-se tomá-la como um texto portador de uma linguagem específica e cujo objeto é expressar experiências humanas e, em razão disso, não pode ser definida com exatidão (DIKSON, 2013, p. 12).

Isso deixa claro que há uma profunda discórdia entre as/os teóricas/teóricos no que diz respeito à conceituação da literatura infantil, sem intenção de fechar o assunto, pois por expressar experiências humanas não pode ser definido com exatidão.

Tanto a literatura infantil como a Infanto-juvenil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: Fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem e a vida através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização (FERNANDES, 2013, p. 32).

Essa afirmação coloca a literatura como a mais importante das artes, uma vez que a sua matéria é a palavra, é a expressão da arte e da alma do povo. As literaturas infantil e Infanto-juvenil são consideradas como arte por ter a capacidade de transformar a realidade de uma forma mágica e encantadora. E pode ser usada como um valioso recurso para o estímulo à leitura prazerosa.

A literatura, utilizada de modo adequado, é um instrumento de suma importância na construção do conhecimento da/do educanda/educando. Ela faz com que ela/ele desperte para o mundo da leitura não só como um ato de aprendizagem significativa, mas também como uma atividade prazerosa.

Não se deve esquecer que a sala de aula é um espaço para a construção de bons leitores, que valorizem a leitura pelo simples prazer de viajar pelas histórias. Dessa perspectiva a interpretação de uma obra literária faz-se no conhecimento do significado que cada linguagem busca dar às realidades mostradas, por meio da montagem e da remontagem, da construção de um significado aleatório, de cada texto, em sua natureza (SOUZA, 2009, p. 11).

É muito importante saber ler para enfrentar as muitas situações que encontramos no dia-a-dia. Isso vale também para as obras literárias, pois

[...] nas obras literária, nos romances, nos contos, nos poemas, que a imaginação, tanto a do autor como a do leitor acabam se completando. Um livro só ganha vida no momento em que alguém o apanha e abre suas páginas para descobrir o mundo que se esconde ali dentro (BRASIL, 2008, p. 13).

Significa que, só nas obras literárias podemos encontrar a emoção capaz de prender a atenção da/do leitora/leitor. A literatura infantil e Infanto-juvenil faz a/o leitora/leitor experimentar sentimentos de alegria, dor, medo e paixão, tudo isso dentro das histórias. Dikson (2013) afirma que o hábito da leitura é a maior herança que a pessoa possa receber, é por meio da leitura que o ser humano obtém o conhecimento, então é necessário que a escola em sua prática pedagógica desenvolva ações voltadas para a prática da leitura.

A leitura amplia os conhecimentos do ser humano, estimula o desejo por outras leituras, exercita a imaginação e a fantasia, contribui para compreender como funciona a escrita. O processo da leitura não se dá num só período, ao contrário, é decorrente de um desenvolvimento por toda a vida.

Desenvolver o interesse e o hábito de leitura é um processo constante, que começa muito cedo e continua pela vida afora. A capacidade de ler está intimamente ligada à motivação, e quando essa motivação não começa em casa cabe as/os professoras/professores desempenhar esse importante papel, ensinar a/o aluna/aluno a ler e a gostar de ler.

Se a/o professora/professor acreditar que além de informar, instruir ou demonstrar, os livros de literatura tanto infantil como Infanto-juvenil podem dar prazer, então precisa encontrar meios de mostrar isso as/os alunas/alunos. E elas/eles vão se interessando aos poucos e irão querer buscar nos livros esta alegria e prazer. Tudo está em ter a chance de conhecer a grande magia que os livros proporcionam.

Segundo Dikson (2013) o desafio da escola é o de promover o hábito da leitura nas/nos alunas/alunos, pois, a leitura é fundamental para a sua formação, e através dela é que a/o indivíduo/indivíduo adquire conhecimentos que lhe serão úteis no futuro e uma melhor visão da sociedade com capacidades reflexivas e resolução de problemas.

Pessoas leitoras têm mais chances de realizarem-se pessoal e profissionalmente por saberem se posicionar diante de diversas situações. E é isso que a escola busca na literatura, apoio para despertar nos aprendizes o interesse pela leitura. Segundo Kleiman (2001, p. 63) “A leitura é uma prática social que envolve atitudes, gestos e habilidades que são mobilizados pelo leitor, tanto no ato da leitura propriamente dito, como no que antecede a leitura e no que decorre dela.”.

Por isso deve a/o professora/professor crie situações em que as/os alunas/alunos possam participar de atitudes que as/os levem a gostar e interessar-se pela leitura.

Para a autora alunas/alunos que vivem num meio familiar, onde existem pessoas alfabetizadas e que utilizam à escrita e a leitura em suas tarefas diárias, compreende facilmente a funcionalidade da língua escrita.

O contato com um ambiente onde existem diversos materiais de leitura, tais como: livros, revistas e jornais, e o incentivo a utilização dos mesmos, despertará nas/nos filhas/filhos o desejo de conhecer o mundo das letras. Portanto, é necessário levar para a sala de aula, materiais diversificados, facilitando o aprendizado, principalmente no início da escolarização.

Ninguém se torna leitor fora de um contexto cultural no qual o livro e a leitura tenham uma importante presença; que não basta ensinar a reconhecer as letras para formar um leitor, mas que é necessário oferecer textos diferentes, para que o aprendiz caminhe na direção da interpretação pessoal que é muito mais que decodificar; que, para ler um texto, com um mínimo de fluência, são necessárias práticas permanentes de leitura de textos de qualidades (MONTENEGRO, 2015, p. 23).

Dessa maneira, para formar cidadãos/cidadãs capazes de compreender os diferentes gêneros de textos é preciso que o trabalho com a leitura seja uma prática constante onde as/os alunas/alunos vivenciem diversas situações de leitura, como a roda de leitura, leitura compartilhada e troca de livros.

Estímulos são necessários principalmente quando as/os alunas/alunos não têm contato com materiais de leitura de boa qualidade; quando não convivem com adultas/adultos leitoras/leitores, e quando não participam de práticas que mostram a leitura como ato imprescindível em suas casas.

A/O professora/professor, pode, no caso das escolas das classes populares, deve oportunizar boas leituras e oferecer caminhos, criando situações que estimule

a/o aluna/aluno a buscar os seus objetivos. Todavia, para assim agir, deve a/o professora/professor do Ensino Fundamental regular tenha aprendido sobre essa importância.

Segundo Kleiman (2001, p. 116) “[...] o processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda os diversos gêneros textos que se propõe a ler. É um processo interno, porém, deve ser ensinado”, porque aprender a ler não é uma atividade natural, para a qual as/os alunas/alunos se habilita sozinha/sozinho. Assim, a/o professora/professor deve oportunizar várias situações de leitura nas quais suas/seus aprendizes possam se interessar pelos livros, pois, na escola, a relação entre livros e leitoras/leitores, tem na/no professora/professor a/o mediadora/mediador mais importante. Uma/um professora/professor leitora/leitor pode ser um espelho para suas/seus alunas/alunos.

Afirma Ferreira (2015) que as crianças são fáceis de serem alfabetizadas desde que estejam inseridas em contextos significativos. Dessa forma a criança vai perceber que a escrita é algo interessante que deve ser aprendido.

Ao atribuir novos significados ao ler e escrever, a escola assume uma atitude educativa digna de professores que querem ser reconhecidos como produtores da cidadania, que favorecem, às jovens gerações, possibilidades efetivas de compreensão e transformação da sua realidade social e pessoal (MONTENEGRO, 2015, p. 17).

Nessa perspectiva, cabe a/o professora/professor o papel de desenvolver nas/nos alunas/alunos o hábito da leitura a partir de uma aproximação significativa com os livros, com atividades interessantes, que desperte o interesse, a curiosidade e o prazer para a leitura. Assim, a sala de aula se torna um lugar de pensar, de reflexão compartilhada, de participação e diálogo, um ambiente de aprendizagem, onde gera muitas situações de leituras significativas.

A utilização das literaturas infantil e Infanto-juvenil em sala deve-se ao fato do texto ter uma linguagem de fácil acesso, emocionante e ser voltada ao público alvo. Quando a/o professora/professor utiliza o livro de literatura em sala, desperta a curiosidade das/dos aprendizes a fazer o mesmo.

O trabalho da escola é mostrar para a/o aluna/aluno a importância que a leitura tem no seu dia a dia. Portanto, ensinar a/o aluna/aluno a ler é dar oportunidade ao acesso do código, através de textos significativos que foram

construídos pelos falantes e escritoras/escritores da língua portuguesa, para que possa ser capaz de ler e assim compreender qualquer texto escrito e apropriar-se de tudo que circula no meio em que vive.

A sociedade atual está exigindo cada vez mais que o indivíduo tenha conhecimentos e habilidades para que possa analisar e interpretar, todas as informações que circulam no meio que em vive. Nesse sentido, o trabalho para a formação de leitoras/leitores deve começar pelas/pelos professora/professores, para que sintam gosto e prazer pela leitura para incentivar as/os alunas/alunos a serem leitoras/leitores.

O professor leitor terá mais condições de despertar, nos seus alunos, o interesse e o prazer pela leitura do que aquele que não lê ou prestigia muito pouco as aulas de leitura. Além do estímulo que cabe ao professor oferecer, também o ambiente, e as condições de tranquilidade e emocionais para que o aluno comente livremente o que leu transmitindo o seu parecer, suas emoções, o que representou para si a leitura feita (ANTUNES, 2008, p. 52).

É através da leitura com liberdade que a criança e a/o adolescente passa a se expressar e formar suas próprias opiniões. Por meio das trocas de experiências sentirá estimulada/estimulado a compartilhar com as/os colegas o que compreendeu da leitura feita, enriquecendo ainda mais o seu conhecimento. Mas para que isso aconteça será preciso que o ambiente da leitura seja tranquilo, estas atividades devem ser planejadas, orientadas e estimuladas frequentemente.

A leitura deve ser estimulada por materiais diversificados como: exposições de livros, encenações, contação de histórias, exposição das criações das/dos alunas/alunos, entrevistas, etc. Considerar o universo de interesse da/do aluna/aluno pode tornar significativa e prazerosa.

A/O professora/professor deve organizar o horário da leitura para transformá-lo em um momento agradável, sem imposição e cobranças muito rígidas. Deve mostrar que a leitura é algo que pode ser vivenciado de forma lúdica e encantadora com a utilização de livros de literatura que simbolizem um mundo de fantasias, que suscitem a imaginação, que portando, passam a viajar pelas histórias descobrindo outros mundos, outras realidades, culturas e gozando da emoção e prazer que uma boa leitura pode proporcionar.

O importante é mostrar que a literatura não é chata, é coisa viva que faz parte do dia-a-dia de quem estuda. Deve ser um convite ao prazer do texto, para estimular um contato cada vez maior das/dos alunas/alunos com a literatura.

CONCLUSÃO

Após meses, lendo, pesquisando, anotando e estudando sobre o tema que escolhi aprofundar, tenho ainda mais clareza acerca da importância da biblioteca escolar e da leitura para o desenvolvimento de crianças, jovens e adultos/adultos. O que antes era certeza, agora é linha investigativa para se aprender cada vez mais.

Portanto, através das análises bibliográficas, compreendi que, realmente a biblioteca escolar é um espaço muito adequado para desenvolver o hábito e o gosto pela leitura entre as/os alunas/alunos na escola. Para tanto é necessária uma biblioteca organizada, com um acervo diversificado variável em diversos suportes, com livros para cada faixa etária que a escola atende e com realização de atividades recreativas que envolvem a leitura. Seguramente, com a frequência estimulada na biblioteca, à formação do hábito da leitura pode se concretizar de forma natural.

A leitura, muitas vezes, é vista nas escolas como um processo de decodificação de palavras que deve ser efetuada por parte das/dos estudantes sem nenhum estímulo, ou seja, apenas um ato automático. Com esse trabalho tento rever essa afirmação, mostrando que a leitura não é apenas um ato mecânico. Para uma pessoa gostar de ler é necessário um longo método de incentivo visando adquirir o hábito de leitura e, assim, tornar-se tal pessoa, uma/um leitora/leitor fluente, uma/um leitora/leitor que lê por que gosta e sente prazer ao ler.

Vale ressaltar que o acesso à biblioteca possibilita aos estudantes ampliar seu conhecimento, ter oportunidade de escolha, ler o que realmente lhe agrada e assim estabelecer o gosto pela leitura. Espera-se que o hábito da leitura seja concretizado de forma rápida e eficaz entre crianças e jovens, pois, se a biblioteca escolar estiver bem organizada e equipada com os padrões básicos, a prática da leitura acontecerá de forma natural.

Estou certo que é necessário perseverar e reforçar a ideia de que a frequência à biblioteca escolar e o uso de livros literários podem transformar a vida e a realidade das/dos estudantes. O gosto pela leitura pode fazer com que qualquer aluna/aluno se torne uma/um cidadã/cidadão consciente de seus direitos e deveres, pois, sendo a leitura agente de conhecimento e transformação, proporciona questionamentos e amplia horizontes de quem lê.

Como a biblioteca escolar e a literatura infantil e infanto juvenil têm natureza formativa, a relação entre elas é fundamental para a melhoria do ensino no país. A

biblioteca escolar, geralmente, não está sendo bem utilizada ou até mesmo inexistem, logo seria necessário um projeto que visasse à reelaboração de uma biblioteca mais participativa na formação de leitores. A biblioteca é fundamental para promover uma maior interação entre alunas/alunos e o universo literário, uma vez que é dona do espaço de leitura.

Através do meu serviço e de visitas em algumas bibliotecas percebi que nenhuma das escolas visitadas possui uma/um profissional formado em biblioteconomia administrando uma biblioteca escolar. Observei que geralmente a/o responsável pela biblioteca é uma/um professora/professor ou funcionária/funcionário que por alguma razão se encontra afastado do seu ambiente funcional, portanto, foi remanejada/remanejado para a biblioteca. Isso é um grande problema, pois, esse profissional remanejada/remanejado não conhece as técnicas biblioteconômicas e nem procurar estudar para administrar e organizar uma biblioteca.

Outro ponto observado é que a maioria das/dos professoras/professores não inclui a biblioteca escolar como um recurso didático para complementar as atividades realizadas em sala de aula. Geralmente só utilizam a biblioteca para pegar um livro e utilizar nas atividades de grupos da classe.

A maioria das escolas trata a biblioteca escolar apenas como um depósito de livros ou outros materiais sem serventia que fica isolada das outras dependências da escola. De modo geral, o espaço da biblioteca não está adequado para atender o público estudantil que deveria frequentá-la. A biblioteca escolar às vezes é vista como um local de castigo para a/o aluna/aluno, gerando uma imagem muito errada desse ambiente.

Observei que geralmente as/os alunas/alunos frequentam a biblioteca apenas para fazer pesquisas escolares ou ir procurar matérias que tem “esquecido” na escola. O uso da biblioteca não é livre e muitas escolas tratam-na como um local destinado para guardar tesouros que não devem jamais ser tocados e, além disso, a lei do silêncio é absoluta na biblioteca sendo a mais exigida entre quem a frequenta.

Diante da realidade concreta sobre as bibliotecas, bem como a respeito da prática de leitura, o que se deduz como óbvio, embora seja disfarçado e difícil de ser compreendido, é que não faz parte do convívio da escola e, tampouco do compromisso de formar pessoas leitoras. Todavia, esse assunto é tema para outras reflexões.

E fecho esse grandioso ciclo citando uma canção de Ivan Lins para nunca se desistir daquilo que você acredita, afinal, tudo depende de mim, ou melhor, tudo depende de nós... “Quem já foi ou ainda é criança / Que acredita ou tem esperança / Quem faz tudo pra um mundo melhor / Depende de nós / Se este mundo ainda tem jeito / Apesar do que o homem tem feito / se a vida sobreviverá.”.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Walda de Andrade. **Lendo e formando leitores**: orientações para o trabalho com a literatura infantil. Circuito Campeão. vol 1. São Paulo: global, 2008.

ARAÚJO, Francisca Andreilino de. **Aprender a gostar de ler a partir da literatura**. Rio Grande do Norte, 2015. Disponível em: <http://www.uern.br/controladepaginas/defesas2015/arquivos/3539francisca_andreilino_de_araujo.pdf>. Acessado em: 1º maio 2020.

ARCE, Alessandra; MARTINS, Lígia Márcia (Orgs.). **Quem tem medo de ensinar na educação infantil?** Em defesa do ato de ensinar. Campinas, SP: Alínea, 2007. 218 p.

BALÇA. Ângela Coelho de Paiva. **Vamos à biblioteca!** - o papel da biblioteca escolar na formação de crianças leitoras. São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/379/414>>. Acessado em: 20 abr. 2020.

BASTOS, Gustavo Grandini.; PACÍFICO, Soraya Maria Romano.; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Biblioteca escolar: espaço de silêncio e interdição. **Liinc em Revista**. Rio de Janeiro v.7, n.2, out. 2011, p. 621 – 637. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3238/2878>>. Acessado em: 15 fev. 2020.

BERENBLUM, Andréia; PAIVA, Jane. **Por uma política de formação de leitores**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2009.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Produto Interno Bruto. Economia. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>>. Acessado em: 23 maio de 2020.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais. Educação. Disponível em: <<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html>>. Acessado em: 22 maio 2020.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras** / Secretaria de Educação Básica, Coordenação-Geral de Materiais Didáticos; elaboração Andréa Berenblum e Jane Paiva. – Brasília: Ministério da Educação, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. In: a leitura. 10. Ed. São Paulo: Scipione, 2005. Disponível em: <<file:///C:/Users/EM%20Eliza%20Nunes/Desktop/14558-56109-1-PB.pdf>>. Acessado em: 14 mar. 2020.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A função social da leitura da literatura infantil**. Santa Catarina, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2003v8n15p47/5235>>. Acessado em: 15 mar. 2020.

CULTURA Mix.com. **Tipos de literatura: o universo das palavras**. Literatura. Disponível em: <<https://cultura.culturamix.com/literatura/tipos-de-literatura-o-universo-das-palavras>>. Acessado em: 1º jun. 2020.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Formação e socialização: os ateliês biográficos de projetos**. *Educação e pesquisa*. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022006000200011&script=sci_arttext>. Acessado em: 15 jun. 2020.

Desenvolvimento humano nas macrorregiões brasileiras. PNUD; IPEA; FJP, Brasília, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6217/1/Desenvolvimento%20humano%20nas%20macrorregi%C3%B5es%20brasileiras.pdf>>. Acessado em: 18 maio 2020.

DIKSON, Denis. **Alfabetização, escrita e leitura: lugares (não) escondidos na história**. Artigo, 14 pags., 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/EM%20Eliza%20Nunes/Desktop/BIBLIOTECA%20ESCOLAR/499-Texto%20do%20artigo-13176-1-10-20140514.pdf>>. Acessado em: 02 jun. 2020.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, literatura Infanto-juvenil e educação**. Londrina: Eduel, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/LEITURA%20INFANTO%20JUVENIL_DIGITAL.pdf>. Acessado em: 1º maio 2020.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. Resumo, 8 pags., 2015. Disponível em <<https://pt.slideshare.net/sifonseca33/com-todas-as-letras-emilia-ferreiro>>. Acessado em: 30 maio 2020.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola. **Rev. ACB: Biblioteconomia**, Santa Catarina, v.7 n.1, 2002. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/380/460>>. Acessado em: 13 jan. 2020.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. **Pedagogia da Autonomia**, Saberes necessários à prática educativa. 30 ed. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderlei. **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2011.

INAF – Indicador de Alfabetismo Funcional 2018. **Instituto Paulo Montenegro**. São Paulo, 2017. Disponível em: < <https://especiais.gazetadopovo.com.br/wp->

content/uploads/sites/19/2019/03/24082711/Inaf2018_Relato%CC%81rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf>. Acessado em: 18 maio 2020.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2001.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina da leitura: teoria e prática**. São Paulo: Fontes, 2000.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**. Campinas: Pontes; Unicamp, 1993.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2011. Disponível em:

<https://www.academia.edu/40181315/Lajolo_Do_Mundo_Da_Leitura_Para_a_Leitura_Do_Mundo>. Acessado em: 20 jan. 2020.

LIMA, Raimundo Martins. **A biblioteca escolar e seu relacionamento com a barbárie e a emancipação**. Disponível em:

<<https://biblioteconomia digital.com.br/2011/09/artigo-biblioteca-escolar-e-seu.html>>. Acessado em: 15 mar. 2020.

MACEDO, Neusa Dias de (org.). **Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual**. São Paulo, 2005. 448 f. Disponível em:

<<https://www.skoob.com.br/livro/pdf/biblioteca-escolar-brasileira-em-debate/livro:52624/edicao:57892>>. Acessado em: 25 jan. 2020.

MARTINELLI, M. M. B. **Era uma vez... Por onde anda cinderela? Estudo de caso do conto de fadas cinderela, na cidade de Maringá – PR**. Dissertação de Mestrado. UEM, 2008. <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/mmbmartinelli.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MED Imagem. **Livros infantis ideias para cada faixa etária**. Notícias. Publicado em 13 de set. de 2016. Disponível em: <<http://medimagem.com.br/noticias/livros-infantis-ideais-para-cada-faixa-etaria,41997#:~:text=De%2010%20a%2012%20anos,fic%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADfica%20policial%20e%20document%C3%A1rios.>> Acessado em: 1º jun. 2020.

MENEGASSI, Renilson José. **As Etapas do Processo de Leitura**. Unimar. v. 1, n. 17, 1995, p. 121-140. Disponível em:

<<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3897/2235>>. Acessado em: 11 jan. 2020.

MICHELIS: **moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo, 2020.

Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acessado em: 20 abr. 2020.

MONTENEGRO. Elizandra Silva. **Literatura infantil e formação de leitores: caminhos que se cruzam**. Monografia, 51 folhas. Paraíba, 2015. Disponível em:

<<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/10458/1/PDF%20-%20Elizandra%20Silva%20Montenegro.pdf>>. Acessado em: 15 fev. 2020.

MORAES, Fabiano; VALADARES, Eduardo; AMORIM, Marcela Mendonça. **Alfabetizar letrando na biblioteca escolar**. Coleção biblioteca básica de alfabetização e letramento. 1 ed., São Paulo: Cortez, 2013.

PERES, Lúcia Maria Vaz; MANCINI, Flávia Griep; OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de. “**Experiências de vida e formação**”, de Marie-Christine Josso. Resenha. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/ppge/wp-content/uploads/sites/547/2019/10/resenhaval.pdf>>. Acessado em: 15 jun. 2020.

PINHEIRO, Mariza Inês da Silva. **O bibliotecário escolar incentivando a leitura através da webquest**. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362009000100004>. Acessado em: 26 jan. 2020.

RIGOLETO, Ana Paula Cardoso; GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini Di. **Outros parceiros na biblioteca escolar: democratização e incentivo à leitura**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2009.

ROCHA, Pedro Albeirice da; LOPES, Robson Vila Nova. **Literatura Infanto-Juvenil: história e relações com a pedagogia**. Artigo. Revista Querubim, revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais. Ano 12, Seção Especial, 2016. Disponível em: <http://ter.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/428/2018/08/pedro_alberice_e_robson_lopes_especial.pdf>. Acessado em: 02 de jun. 2020.

ROSA, Rosemar; PINTO, Humberto Marcondes; PINHEIRO, José Antonio. **A biblioteca no contexto escolar**. Uberaba-MG: IFTM, 2014. 160 p.

SILVA, Aline Luiza da. **Trajetória da literatura Infantil: da origem histórica e do conceito metodológico ao caráter pedagógico na atualidade**. Artigo, 15 pags., 2009. Revista eletrônica de graduação da UNIVEM. Disponível em: <<https://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/234>>. Acessado em: 02 de jun. 2020.

SILVA, Daniele Cristina Agostinho. **Literatura Infantojuvenil**. Gênero literário, Revista. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantojuvenil/>>. Acessado em: 02 de jun. 2020.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na Escola e na Biblioteca**. Campinas, SP: Papyrus, 1986.

SILVA, Rovilson José da. **Biblioteca escolar: organização e funcionamento**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2009.

SILVA, Rovilson José da. **O professor mediador de leitura na biblioteca escolar da rede municipal de Londrina: formação e atuação**. 2006. 241 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/101530>>. Acessado em: 25 de jan. 2020.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SLEUTJES, Maria Helena. Noções básicas de biblioteconomia. 49 f. Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/sarh/edital/interno/selecao2015/arquivos/apostilas/nocoas_basicas_de_biblioteconomia_auxiliar_de_biblioteca.pdf>. Acessado em: 20 de mar. de 2020.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (organizadoras). *Escolarização da leitura literária*. 2ª ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/30532016/a-escolarizacao-da-literatura-infantil-e-juvenil-completo>>. Acessado em: 18 mar. 2020.

SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2009.

VALDEZ, D.; COSTA, P. L. **Ouvir e viver histórias na educação infantil: um direito da criança**. Resenha, 24 pags. In: ARCE, A.; MARTINS, L. M. *Quem tem medo de ensinar na educação infantil?: em defesa do ato de ensinar*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

ZAFALON, Míriam. **Refletindo sobre a leitura e o ensino da literatura**. Paraná, 2008. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_mirian_zafalon.pdf>. Acessado em: 20 abr. 2020.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

7 Dicas para Incentivar o Hábito de Leitura no seu Filho. **Colégio Erasto Gaertner**, Curitiba, 31 de mar. de 2020. Educação. Disponível em: <<https://erasto.com.br/noticias/7-dicas-para-incentivar-o-habito-de-leitura-no-seu-filho-2>>. Acessado em: 18 abr. 2020.

ALMEIDA, Katiele Bosquette de. **Incentivo a leitura de alunos das séries finais do Ensino Fundamental**. 2013. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2009. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4350/1/MD_EDUMTE_2014_2_47.pdf>. Acessado em: 17 de fev. 2020.

ALVES, Alda Maria Ribeiro. **A formação de leitores dentro das escolas**. Alda_psi@hotmail.com. Disponível em <www.abrapso.org.br>. Acessado em: 15 fev. 2020.

ANUÁRIO **Brasileiro da Educação Básica 2019**. Moderna, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/302.pdf>. Acessado em: 18 maio 2020.

Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior – **ANDIFES**. Nordeste concentra mais da metade dos analfabetos do país, diz IBGE, Brasília. Disponível em: <<http://www.andifes.org.br/nordeste-concentra-mais-da-metade-dos-analfabetos-do-pais-diz-ibge/>>. Acessado em: 18 maio 2020.

BAMBERG, Richard. **Como Incentivar o Hábito da Leitura**. São Paulo: Ática, 1987.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.

BARROCO, José Alves. **As bibliotecas escolares e a formação de leitores**. Dissertação de Mestrado. 2004.

BIBLIOTECA Escolar: **curso de formação para os funcionários da educação**. Pro funcionário, Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf>. Acessado em: 28 jan. 2020.

BRASIL, Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicação. PLATAFORMA Lattes. **CNPq**, Brasília, 2020. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/>>. Acessado em: 02 maio 2020.

Brasil. **Agência Brasil**. IBGE: taxa de analfabetismo no país cai 0,2 ponto percentual em 2017. Rio de Janeiro, 18 de maio 2018. Economia. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-05/ibge-taxa-de-analfabetismo-no-pais-cai-02-ponto-percentual-em-2017>>. Acessado em: 22 maio 2020.

BRASIL. **Ministério Público Militar**. Referência bibliográficas – Monografia. Brasília, 2020. Disponível em: <<http://www.mpm.mp.br/referencias-bibliograficas-monografia/>>. Acessado em: 18 maio 2020.

BRASÍLIA. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica (SEB). **Literatura: ensino fundamental** / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson. 2010. 204 p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20).

BRITO, Luiz Percival Leme. **Leitura e formação na educação escolar**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2009.

CASTRILLÓN, Silvia. **Modelo Flexible para um sistema nacional de bibliotecas escolares**. Colômbia: Universidad Nacional de Colômbia, 1982.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmica e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.

CAVALLO, G. Chartier R. **História da leitura no Mundo Ocidental**. Ática. São Paulo, 1998. Vol.1.

CHARLES Perrault. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://www.wikipedia.org/wiki/Charles_Perrault>. Acessado em: 07 jan. 2018.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 18 ed. São Paulo: Ática, 1999.

DANTAS, Joelma Pimentel do Amaral Ferreira. **Novas tecnologias na Educação**. Disponível em: <<https://sae.digital/novas-tecnologias-na-educacao-tendencias/>>. Acessado em: 30 abr. 2020.

DISSEMINANDO o interesse pela leitura do Ensino Fundamental 2: dos best-sellers aos clássicos. **Colégio Marupiara**, 2017. Disponível em: <<http://www.marupiara.com.br/disseminando-o-interesse-pela-leitura-no-ensino-fundamental-2-dos-best-sellers-aos-classicos/>>. Acessado em: 16 de fev. de 2020.

DOLLE, Jean Marie. **Para compreender Jean Piaget: uma iniciação à psicologia genética piagetiana**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 202 p.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf>. Acessado em: 23 mar. 2020.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. **A leitura dialógica como elemento de articulação**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2009.

FERREIRO, Emilia; PALACIO, Margarita Gomes. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Traduzido por: Luiza Maria Silveira. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FROTA, A. Maria. **Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção.** Estudos e pesquisas em psicologia, UERJ, RJ, v. 7, n. 1, p. 147-160, abr. 2007.

GADOTTI, Moacir. **Convite a leitura de Paulo Freire.** São Paulo. Ed. Scipione, 2 ed. 1991.

GIROTTI, Cyntia Graciella Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. **O diálogo entre a leitura literária e outras linguagens.** Campinas, SP: Mercado das letras, 2009.

GÓIS, Luciana Ribeiro dos Santos. **O Ensino da Leitura nas Escolas do Ensino Fundamental II.** 2012. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/3488/2/TCC%20Luciana.pdf>>. Acessado em: 18 jan. 2020.

GONÇALVES, Maria Euza Silva. **A Importância da Leitura no Ensino Fundamental.** 2014. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização). Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 2014. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4758/1/PDF%20-%20Maria%20Euza%20Silva%20Gon%C3%A7aves.pdf>>. Acessado em: 16 fev. 2020.

KATO, Mary A. **O aprendizado da leitura.** 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LAGO, Davi. Retratos da leitura no Brasil. **Blog do Matheus Leitão**, São Paulo, 06 de jan de 2019. Política. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/2019/01/06/retratos-da-leitura-no-brasil.ghtml>>. Acessado em: 22 abr. 2020.

LIBERATO, Y.; FULGÊNCIO, L. **Um modelo de descrição da leitura. In: É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro.** São Paulo: Contexto, 2007. p. 13-29.

LOCKE, John. Alguns pensamentos acerca da educação. Cadernos de Educação. Fae/UFPel, Pelotas (13): 147 – 171, ago./dez. 1999a

MELLENDES, Maria Fernanda; SILVA, Rovilson José. **A formação de leitor no ensino fundamental: Os parâmetros curriculares nacionais e o cotidiano das escolas.** 2008. Disponível em: <http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao3/Artigo5.pdf>. Acessado em: 06 set. 2015.

MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil: o lugar da literatura na sala de aula** - Rio de Janeiro: Singular, 2009.

MOLINA, Olga. **Ler para aprender: desenvolvimento de habilidades de estudo.** São Paulo: E.P.U., 1992.

NORONHA, Diana Maria. “**Escola e Literatura: O Real e O Possível**”. In: ZILBERMAN, Regina (org). **O Ensino de Literatura no Segundo Grau**. Campinas, Cadernos da ALB, s.d., p. 19.

OLIVEIRA, João Batista. **As 5 etapas do desenvolvimento da leitura**. Brasília, 2019. Disponível em: <<https://www.alfaebeto.org.br/2019/07/24/5-etapas-desenvolvimento-da-leitura/>>. Acessado em: 1º abr. 2020.

ORRICO, João Paulo Santos; SANTOS, Márcia Lopes dos Santos. **A importância da literatura Infanto-juvenil no fundamental II**. Disponível em: <<https://meuartigo.brasile scola.uol.com.br/educacao/a-importancia-literatura-infanto-juvenil-no-fundamental-ii.htm>>. Acessado em: 25 maio 2020.

PAIVA, Aparecida. **A produção literária para crianças: onipresença e ausência das temáticas**. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (Orgs.). *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PESQUISA Retratos da Leitura no Brasil. **Instituto Pró-livro**, São Paulo. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/atuacao/28-projetos/pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil/8042-downloads-4eprlb>>. Acessado em: 25 mar. 2020.

PRADO, Jean. **Como fazer referências de site na ABNT em trabalhos acadêmicos**, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/247956/referencia-site-abnt-artigos/>>. Acessado em: 18 maio 2020.

RAMPELOTTO, Helena de Paula. **As dificuldades na formação do hábito de leitura em alunos do Ensino Fundamental**. 2017, São Paulo. Disponível em: <<http://www.abrelivros.org.br/home/index.php/noticias/7293-as-dificuldades-na-formacao-do-habito-de-leitura-em-alunos-do-ensino-fundamental>>. Acessado em: 16 fev. 2020.

Rio Grande do Sul. Secretaria da Educação. **Manual de procedimentos voltado à dinamização das bibliotecas escolares estaduais do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2009. 148 f. Ed. Revisada e atualizada do Manual da Biblioteca Escolar, 2014. Disponível em: <https://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/sebe_manual_biblioteca.pdf>. Acessado em: 1º maio 2020.

ROUSSEAU, J-J. **Emílio ou da Educação**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SAMBINI, Eduardo. Jovens leem mais no Brasil, mas hábito de leitura diminui com a idade. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 de set. de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/09/jovens-leem-mais-no-brasil-mas-habito-de-leitura-diminui-com-a-idade.shtml>>. Acessado em: 25 mar. 2020.

SENNA, S.R.C.N. et al. **Contribuições das teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência**. Universidade de

BrasíliaUnBBrasília-Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* Jan-Mar 2012, Vol. 28 n. 1, pp. 101- 108.

SILVA, Suely Barros Bernardino da. Processo de aquisição da leitura. **Revista eletrônica aboré**. Manaus: 5ª ed. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.uea.edu.br/old/abore/artigos/artigos_5/141.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2019.

SIMÃO, Maria Antonieta Rodrigues; SCHERCHER, Eroni Kern; NEVES, Iara Conceição Bitencourt. **Ativando a biblioteca escolar**. Porto Alegre: Sagra, 1993.

SIM-SIM, Inês & RAMALHO, Glória (1993). **Como leem as nossas crianças? Caracterização do nível de literacia da população escolar portuguesa**. Lisboa: Ministério da Educação.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira. **Narrativas infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam**. Bauru: Edusc, 1992.

Wikipédia, a enciclopédia livre. **Literatura Infanto-juvenil**. Editada em 28 de jan. de 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura_infantojuvenil#:~:text=A%20literatura%20juvenil%20%C3%A9%20um,a%20quinze%20anos%20de%20idade.>. Acessado em: 1º jun. 2020.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Sociedade e Democracia da Leitura**. Estado de Leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

ZILBERMAN, Regina; ROSING, T. M. K. (org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.